

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFIFH
Programa de Pós-graduação em Sociologia

Rafael Quirino Oliveira Gonçalves

**OS PRINCÍPIOS ATIVOS DA REDPILL:
como se diferenciam e se assemelham às temáticas tratadas pelos principais atores
sociais da machosfera brasileira.**

Belo Horizonte
2026

Rafael Quirino Oliveira Gonçalves

OS PRINCÍPIOS ATIVOS DA REDPILL:

como se diferenciam e se assemelham às temáticas tratadas pelos principais atores sociais da machosfera brasileira.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Prof^a. Dr^a. Yumi Garcia dos Santos –
Orientadora

Belo Horizonte
2026

301
G635p
2026

Gonçalves, Rafael Quirino Oliveira.
Os princípios ativos da redpill [recurso eletrônico] : como se diferenciam e se assemelham às temáticas tratadas pelos principais atores sociais da machosfera brasileira / Rafael Quirino Oliveira Gonçalves. - 2026.
1 recurso online (101 f. : il.): pdf.
Orientadora: Yumi Garcia dos Santos.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.Sociologia – Teses. 2. Masculinidade - Teses. 3. Antifeminismo – Teses. 4. Movimentos sociais – Teses. 5. Radicalismo – Teses. I. Santos, Yumi Garcia dos. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FAFICH - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA - SECRETARIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos 12 (doze) dias do mês de fevereiro de 2026 (dois mil e vinte e seis), reuniu-se a Banca Examinadora de Defesa de Dissertação de Mestrado do discente **Rafael Quirino Oliveira Gonçalves**, intitulada: "OS PRINCÍPIOS ATIVOS DA REDPILL: como se diferenciam e se assemelham às temáticas tratadas pelos principais atores sociais da machosfera brasileira." A Banca foi composta pelos(as) professores(as) doutores (as): Yumi Garcia dos Santos - Orientadora (DSO/UFMG), Marcus Abílio Gomes Pereira (UFMG) e Dimitri Fazito de Almeida Rezende (DSO/UFMG). Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da Banca Examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação da Defesa (x)

Reprovação da Defesa ()

Belo Horizonte, 12 de fevereiro de 2026.

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Yumi Garcia dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 12/02/2026, às 08:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Dimitri Fazito de Almeida Rezende, Chefe de departamento**, em 13/03/2026, às 18:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcus Abilio Gomes Pereira, Subchefe de departamento**, em 19/03/2026, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4943417** e o código CRC **FB46E8D0**.

Agradecimentos

A A realização deste trabalho só foi possível graças à contribuição de diversas pessoas e instituições que, direta ou indiretamente, participaram dessa trajetória. Agradeço em primeiro lugar a Deus, pela saúde (física e mental), energia e vida para enfrentar o desafio de adentrar num universo tão complexo e difícil. Agradeço a Professora Yumi Garcia Santos, que além de aceitar meu convite para me orientar durante todo esse processo, também foi a pessoa responsável pela motivação e por me ajudar a lidar com diversas questões que surgiram do contato com o objeto de pesquisa. Agradeço também, aos Professores Dimitri Fazito de Almeida Rezende e Marcus Abílio Gomes Pereira por terem aceitado o convite para participar das avaliações, além das contribuições para que esse trabalho pudesse ser realizado. Agradeço aos meus pais, Rogério Quirino e Lindinalva de Oliveira, à minha querida irmã, Raquel de Oliveira e a todos os meus familiares, que sempre me apoiaram e incentivaram.

Agradeço aos meus amigos da pós-graduação Mariana Ferreira, Giulia Simões, Ana Elisário, Paulo Antônio, Lucas Albuquerque, Wellington Santos e tantos outros que dividiram comigo as salas de aula, os projetos, os congressos e participaram de várias formas dessa pesquisa, com indicações de textos, sugestões, além do afeto e do carinho. Agradeço aos meus amigos do trabalho Aline Alves, Fernanda Almeida, Felipe Ferreira, Graciele Mendonça, Jacqueline Pawlowski, Vilma Carvalho, Olívia Coimbra, Thaissa Lages, Izabel Antonina, Wellington Marçal, Kátia Pacheco, Sindier Antônia, Ursula Zambalde e tantos outros que sempre me incentivaram a fazer essa pesquisa e me deram todo apoio para sua conclusão.

Agradeço aos meus amigos e infância Eduardo Vicente, Joesmar Bonifácio, Geison Bonifácio, Jefersson Bonifácio e David Romano, que sempre me trouxeram palavras de incentivo e esperança desde os primeiros anos da minha vida. Agradeço meus amigos da juventude Jeferson Augusto, Claudiana Gomes, Mateus Goulart, Matheus Barros, Lucas Olivera, Vinicius Andrade, Karoline Nascimento, Antônio Marcel, João Pedro, João Paulo, Icaro Soares, Igor Batista, Igor Alves, Jeferson Augusto, Gustavo Chaves, Gabriel Henrique e Wisney Berig por serem meus irmãos, e estarem comigo em todos os momentos da minha vida. Agradeço de

forma especial meus grandes amigos Felipe Martins e Devanil Sebastião, por estarem presentes e dispostos a me ajudar quando surgiam problemas e por estarem sempre próximos, sendo as pessoas de confiança nos momentos mais delicados da minha vida.

Agradeço os membros do grupo de pesquisa qualitativa Eli Venancio, Ana Isabella, Professor Tarcísio, Julia Zuba, Lusiene Araújo, Teles Veloso, Álvaro Martins, Karoline e os outros já citados, por todas as contribuições à pesquisa, dicas e sugestões em todas as apresentações das etapas dela. Dicas que foram fundamentais para traçar novos caminhos e chegar ao resultado. Agradeço também a Coordenação do PPGS, todos os professores e principalmente as secretárias Renata Pacheco e Daiane Fonseca.

RESUMO

O presente trabalho se insere dentro dos estudos de sociologia digital, estudos de masculinidade e estudos sobre grupos de extrema direita. Toma-se como objeto de estudos a machosfera brasileira, com o objetivo de mapear quais são as temáticas discutidas pelos principais atores dela. Busca-se também mapear as principais categorias formuladas pelos grupos da machosfera, as diferenças entre eles, a relação da machosfera brasileira com a internacional e a relação que se tem dessa com as estruturas tradicionais do patriarcado. Toma-se como objeto o podcast ‘Redcast’, onde seleciona-se um período de 192 episódios, recorte marcado pela saída de um dos apresentadores do podcast. Desses 192, apenas 119 são encontrados disponíveis no youtube e todos eles são transcritos usando o plugin “*Seek subtitles for YouTube*”. Após essa etapa organiza-se os episódios em arquivos individuais e transfere-se todos para o “Voyant Tools”, onde é possível fazer uma série de análises textuais. Usa-se a ferramenta de frequência de palavras para encontrar os principais temas discutidos, e dentro de cada tema usa-se a ferramenta de frases, para analisar as principais frases de cada tema. Assim, observou-se que há eco do neoliberalismo no podcast, com vários participantes estando ligados a venda de cursos de sedução ou de como ser um “homem de valor”. Além disso percebe-se no discurso dos participantes uma descrição dos papéis de homem e mulher de forma oposta e complementar. Por fim, observou-se uma relação entre os elementos familiares, pensando a figura da mãe solteira como uma mulher manipuladora e aproveitadora, enquanto o pai de família é descrito como uma figura do homem de bem, que quer cuidar dos seus filhos enquanto a mãe usa-os para manipulá-lo.

Palavras-chave: masculinismo, machosfera, redpill, anti-feminismo

ABSTRACT

This paper is situated within the fields of digital sociology, masculinity studies, and studies on far-right groups. It takes the Brazilian manosphere as its object of study, with the objective of mapping the themes discussed by its main actors. The research also seeks to identify the main categories formulated by manosphere groups, the differences among them, the relationship between the Brazilian manosphere and the international manosphere, and its relationship with the traditional structures of patriarchy. The podcast Redcast is taken as the empirical object of analysis. A period of 192 episodes was selected, defined by the moment when one of the podcast hosts left the program. Of these 192 episodes, only 119 were available on YouTube, and all of them were transcribed using the plugin “Seek Subtitles for YouTube.” After this stage, the episodes were organized into individual files and transferred to Voyant Tools, where a series of textual analyses were conducted. The word frequency tool was used to identify the main themes discussed in the podcast, and within each theme the phrases tool was used to analyze the most frequent phrases related to each topic. The analysis showed that there is a clear echo of neoliberal discourse within the podcast, with several participants connected to the sale of seduction courses or courses on how to become a “high-value man”. In addition, the discourse of the participants presents the roles of men and women as opposite yet complementary. Finally, a strong emphasis on family-related elements was observed: the figure of the single mother is often portrayed as manipulative and exploitative, while the family father is described as a respectable man who wants to care for his children, whereas the mother allegedly uses them as a means to manipulate him.

Keywords: masculinism, manosphere, red pill, anti-feminism.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Personagem Pepe the Frog, criado por Matt Furie.....	44
Imagem 2 -Hitler Advice meme.....	46
Imagem 3 -Hitler Advice meme 2.....	46
Imagem 4 -Meme mãe solo	47
Imagem 5 – Canal RedCast	65
Imagem 6 – Informações do Canal	65
Imagem 7 - Nuvem de Palavras RedCast	70
Imagem 8 - Frequência dos termos principais ao longo dos episódios	71
Imagem 9 - Co-ocorrência para o termo “homem”	72
Imagem 10 - Co-ocorrência para o termo “mulher”	72
Imagem 11 - Termos mais frequentes.....	73
Imagem 12 - Principais frase termo ‘mulher’	74
Imagem 13 - Principais frase termo ‘homem’	75
Imagem 14 - Principais frase termo ‘mundo’	76
Imagem 15 - Principais frase termo ‘vida’	77
Imagem 16 - Principais frase termo ‘dinheiro’	79
Imagem 17 - Principais frase termo ‘tempo’	80
Imagem 18 - Principais frase termo ‘negócio’	81
Imagem 19 - Principais frase termo ‘filho’	82
Imagem 20 - Principais frase termo ‘relacionamento’	83
Imagem 21 - Principais frase termo ‘pai’	84
Imagem 22 - Principais frase termo ‘mãe’	85
Imagem 23 - Principais frase termo ‘deus’	87

Imagem 24 - Principais frase termo '<i>Brasil</i>'	87
Imagem 25 - Principais frase termo '<i>família</i>'	89

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Disponibilidade de episódios.....	67
Gráfico 2 – Convidados por gênero	68
Gráfico 3 – Convidados por raça/cor.....	68

GLOSSÁRIO

INCEL – Involuntary Celibate (Celibatário Involuntário)

MGTOW – Men Going Their Own Way (Homens Seguindo Seu Próprio Caminho)

PUA – Men's Rights Activist (Ativista pelos Direitos dos Homens)

MRA – Pick-Up Artist (Artista da Conquista ou Especialista em Sedução)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.2 OBJETIVOS	16
1.2.1 Objetivo geral.....	16
1.2.2 Objetivos específicos.....	16
1.3 JUSTIFICATIVA	17
2. ENTENDENDO A MACHOSFERA	18
2.1- CONSTRUÇÃO DA REALIDADE NO NEOLIBERALISMO DIGITAL	18
2.2 A MACHOSFERA	32
2.3 PERSPECTIVAS E HISTÓRICO	34
2.3.1 Histórico Recente	34
2.3.2 Vitimismo masculino	35
2.3.3 A Teoria da Redpill.....	36
2.3.4 Masculinidade Hegemônica como forma de opressão.....	39
2.3.5 A Ultradireita e a Radicalização.....	40
2.4 ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO.....	41
2.4.1 Internet e Misoginia	41
2.4.2 Ataques.....	42
2.4.3 Violências e a Machosfera	50
2.5 SUBGRUPOS DA MACHOSFERA.....	51
2.5.1 INCELS.....	51
2.5.2 MGTOW	53
2.5.3 PUAs	53
2.5.4 MRAs	55

2.3.5. Influences	56
2.3.6 Comunidade Gamer.....	59
2.6 ENTRADAS E SAÍDAS: CRÍTICAS E COMPREENSÃO.....	60
3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	64
3.1 INTRODUÇÃO	64
3.2 OBJETO DE PESQUISA – O REDCAST	64
3.3 COLETA DOS DADOS	66
4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	70
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

1. INTRODUÇÃO

As dinâmicas de poder que estruturam as relações de gênero na sociedade contemporânea exigem ferramentas analíticas capazes de capturar sua complexidade e persistência. Nesse contexto, esta dissertação se debruça sobre as configurações da masculinidade, mobilizando como eixo central o conceito de 'masculinidade hegemônica' proposto por Raewyn Connell (1995). A autora define este conceito não como um tipo fixo de homem, mas como um modelo de prática social que, ao articular elementos como força, heterossexualidade e poder econômico, alcança uma posição de autoridade cultural. Essa operação é, portanto, fundamental para a manutenção da estrutura patriarcal, pois legitima a subordinação tanto de mulheres quanto de outras formas de masculinidade.

Para pensar um fenômeno global, como o caso da misoginia online, materializada pela machosfera, é preciso que tomemos o processo de formação da sociedade brasileira como pano de fundo da nossa análise. Por conseguinte, é necessário entender como as transformações produzidas no mundo virtual vão impactar a realidade brasileira, que tem nas suas raízes um passado colonialista e carrega consigo fatores como a escravidão de povos africanos, genocídio dos povos indígenas e longas ondas de imigração de povos europeus e asiáticos. Esses processos ocorreram desde o início do século XVI, com os primeiros contatos entre os portugueses e os povos autóctones. Diante desse cenário de construção do que é ser homem e ser mulher no Brasil, marcado pela violência e por sua herança colonial e escravocrata, assim como a internet foi alçada a um papel central nos espaços de discussão política. Esse papel é exercido dentro de um contexto de insatisfação generalizada que foi captada por uma direita conservadora, pautada em uma cruzada moral contra a suposta ideia de 'ideologia de gênero'. Mediante a esse arcabouço teórico sobre masculinidade, pautado, tanto global quanto nacionalmente, pensa-se os grupos das machosfera tomando essa noção pautada na figura do macho alfa, mas, ao mesmo tempo, a partir da criação de novas categorias de masculinidade. Tem-se uma nova "fronteira" entre o que é a masculinidade e o que é a machosfera de difícil delimitação, visto que o espaço digital é influente na formação identitária dos grupos os quais compõem esse novo campo da masculinidade. Dessa forma, partimos da seguinte pergunta de pesquisa: "como se diferenciam e se assemelham às temáticas tratadas pelos principais atores sociais da machosfera brasileira, frente aos avanços do feminismo?" para a construção desse trabalho.

A presente dissertação estrutura-se a partir de uma imersão teórica e contextual no seu objeto de estudo. O capítulo 2, "Entendendo a Machosfera", dedica-se a uma revisão aprofundada da literatura para delinear as características, os subgrupos e, fundamentalmente, as ideias formuladas que organizam este universo digital. A análise orienta-se pela ideia de interpretar a forma como os atores envolvidos pensam o mundo comum a eles, focando-se em decifrar as narrativas através das quais os membros da machosfera interpretam o mundo e a si mesmos.

No capítulo 3, apresentaremos as estratégias metodológicas para pensar a machosfera dentro do cenário nacional. Será tomado como objeto de estudo o Podcast "RedCast", por ser o maior podcast voltado ao público da machosfera no Brasil, atualmente. Serão escolhidos os 192 episódios iniciais do podcast para a primeira seleção e serão classificados de acordo com gênero, raça e episódios que não foram encontrados completos. Após essa classificação, serão selecionados 119 episódios que estavam disponíveis dentre esses 192 iniciais.

No capítulo 4 os dados dos 119 serão coletados através de um plugin chamado "*Seek subtitles for YouTube*", e em seguida serão carregadas todas as transcrições na criação de um corpus na ferramenta Voyant tool. Em seguida analisaremos as frequências de palavra, criando uma nuvem. Serão analisadas as palavras mais significativas que aparecem nas nuvens e em seguida será utilizada a ferramenta "frases" do Voyant Tools, para ser possível compreender os principais temas discutidos dentro de cada uma das palavras frequentes. Após essa análise e interpretação dos dados gerados, o Capítulo 5 trará os pontos mais relevantes da pesquisa e fará uma conclusão dela.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Observar quais são os principais temas discutidos pelos principais atores sociais da machosfera brasileira, pensando a sua reação aos avanços do feminismo.

1.2.2 Objetivos específicos

- Verificar quais as categorias relevantes para entender a machosfera;
- Entender qual a perspectiva estabelecida na machosfera;
- Observar se há heterogeneidade nos subgrupos da machosfera e em que nível eles se diferenciam;
- Entender como a machosfera nacional se relaciona com a machosfera internacional;
- Entender o que existe de diferente nos movimentos masculinistas online, em relação às formas tradicionais de machismo presente na sociedade brasileira e em que medida a machosfera reflete o machismo tradicional brasileiro.

1.3 JUSTIFICATIVA

O trabalho se justifica à medida que a misoginia e o machismo aumentam, principalmente na internet, em redes sociais, em fóruns e em páginas de memes. Esse crescimento passa algumas por figuras, que trazem em esses pensamentos em suas palavras, e um dos principais meios de veiculação dessas visões de mundo são os podcasts no YouTube. A realização de novas pesquisas para compreender e melhorar a dinâmica da masculinidade é muito importante, uma vez que esse é um tema recente e pouco explorado e legitimam atos machistas. É necessário trazer à luz todas as suas nuances, principalmente levando em conta o benefício que o estudo do tema pode trazer para o combate da violência de gênero.

2. ENTENDENDO A MACHOSFERA

2.1- CONSTRUÇÃO DA REALIDADE NO NEOLIBERALISMO DIGITAL

Pensar o trabalho sobre os grupos da machosfera contemporânea faz parte de um estudo dentro dos estudos de masculinidade e de grupos de extrema direita, que renovam suas forças através da manutenção do patriarcado, e do ressurgimento de ideias passadas, trazendo de volta dinâmica de dominações de gênero já muito questionadas e combatidas. Além de pensar os dois eixos (extrema direita e masculinidade), o trabalho passa pelos estudos digitais, de modo que é importante compreender a forma como construímos as nossas realidades e como a advento da internet atua nesse processo de conexão social. Assim, esse capítulo passa pela teoria da construção mediada da realidade de Peter L. Berger e Thomas Luckmann, pensando a ideia de neoliberalismo na ótica de Wendy Brown, e por fim a análise histórico-cultural da internet com José Van Dijck.

Assim sendo, partimos para a construção da realidade na perspectiva Berger e Luckmann. Para os autores, a realidade é compreendida como “uma qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos terem um ser independente de nossa própria volição”, enquanto o conhecimento refere-se à “certeza de que os fenômenos são reais e possuem características específicas”, sendo ambos socialmente determinados. Isso significa que o que uma sociedade toma como real não é fruto de uma essência universal, mas de um processo coletivo de estabilização de sentidos. Assim, a sociologia do conhecimento não se preocupa em julgar a validade do conhecimento, mas em analisar os processos pelos quais determinado conteúdo se estabelece como realidade socialmente reconhecida, ainda que essa realidade seja contingente e passível de transformação (Berger; Luckmann, 2004)

Nesse sentido, o sociólogo encontra-se “crivado de aspás”, pois já não pode tomar a realidade como evidente. Ele sabe que aquilo que é admitido como real em uma sociedade pode não ser reconhecido da mesma forma em outra, e que essas diferenças não podem ser explicadas sem referência às próprias estruturas sociais que as sustentam. A noção de “liberdade”, por exemplo, pode ser considerada uma realidade natural em uma sociedade e sequer existir como categoria em outra, o que evidencia que as realidades sociais são múltiplas, relativas e historicamente situadas. Assim, a sociologia do conhecimento precisa tratar não apenas da diversidade

empírica dos conhecimentos, mas principalmente dos mecanismos que tornam um conhecimento socialmente legítimo como realidade (Berger; Luckmann, 2004)

Essa perspectiva dialoga diretamente com a tradição marxista, que introduz a noção de ideologia, de falsa consciência e da relação entre infraestrutura e superestrutura, mostrando que o pensamento humano encontra suas bases na atividade material dos homens. Para Marx, o trabalho funda não apenas a produção material da vida, mas também suas formas de consciência. Nietzsche, por sua vez, aprofunda a crítica ao introduzir a noção de engano e autoengano como elementos estruturantes do pensamento, vinculando-os ao ressentimento como fator causal de certas formas de interpretação da realidade. Dilthey contribui ao afirmar a historicidade radical do pensamento humano, indicando que toda produção de sentido está situada em um tempo e em um contexto específico. Mannheim sistematiza essas heranças ao afirmar que não existe pensamento fora da ordem social, desenvolvendo o relacionismo como superação do relativismo simplista (Berger; Luckmann, 2004)

A partir desse deslocamento teórico, Berger e Luckmann afirmam que a sociologia do conhecimento não deve se ocupar prioritariamente das grandes construções teóricas, mas do conhecimento do senso comum, isto é, daquele saber pré-teórico que organiza a vida cotidiana. São essas tipificações práticas que estruturam a experiência social concreta, permitindo que os indivíduos se orientem no mundo. As formulações científicas, filosóficas ou mitológicas não esgotam aquilo que é tomado como real pelos membros de uma sociedade. O foco analítico deve recair sobre aquilo que os homens conhecem como realidade em sua vida cotidiana, pois é esse tecido de significados que torna a própria sociedade possível. A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos indivíduos e dotada de sentido subjetivo, constituindo-se como a realidade por excelência. Ela é organizada em torno do “aqui” do corpo e do “agora” do presente, ainda que não se limite a esses dois pontos, pois abarca também zonas indiretas da experiência. Trata-se de uma realidade já objetivada, já estruturada antes mesmo da entrada do indivíduo em cena. O cotidiano divide-se entre setores problemáticos e não problemáticos, sendo que estes últimos sustentam a rotina até que um novo problema surja e interrompa essa continuidade, exigindo uma reorganização dos sentidos (Berger; Luckmann, 2004)

Comparada à realidade da vida cotidiana, as demais realidades aparecem como campos finitos de significação, como enclaves dentro da realidade dominante. O teatro, a arte, a experiência religiosa e o transe são exemplos de realidades que suspendem temporariamente o mundo cotidiano, deslocando a consciência para outra ordem de sentido. No entanto, essas experiências são sempre vividas em relação à realidade dominante, que permanece como referência principal. Um dos problemas centrais da consciência é justamente interpretar a coexistência dessas múltiplas realidades, administrando suas transições e seus choques. A realidade da vida cotidiana é essencialmente intersubjetiva e se estrutura por meio da interação social, cujo modelo prototípico é a situação face a face. Nela, o outro me é dado como plenamente real, compartilhando comigo um presente comum. O “aqui e agora” do outro colide com o meu, fazendo com que sua subjetividade se torne acessível por um conjunto abundante de sintomas expressivos. Embora seja possível a interpretação equivocada, a interação face a face dificulta a manutenção prolongada da dissimulação e da hipocrisia, diferentemente das relações mediadas ou remotas (Berger; Luckmann, 2004)

É no interior dessas interações que se desenvolvem as tipificações, entendidas como esquemas de interpretação recíprocos que orientam a compreensão do outro e de si mesmo. Essas tipificações tornam-se progressivamente anônimas à medida que se afastam da situação face a face, dando origem a uma estrutura social composta por níveis variados de abstração. A estrutura social, nesse sentido, é a soma dessas tipificações e dos padrões recorrentes de interação que delas derivam, sendo, portanto, um elemento essencial da própria realidade da vida cotidiana. A linguagem ocupa papel central nesse processo, pois é o sistema de sinais mais importante da sociedade humana. Ela permite que os processos subjetivos sejam objetivados em índices duradouros, acessíveis para além da presença imediata. A linguagem transcende o “aqui e agora”, ligando diferentes tempos, sujeitos e experiências. Por meio dela, as significações tornam-se estáveis, transmissíveis e socialmente compartilhadas. Assim, a compreensão da linguagem passa a ser condição fundamental para a compreensão da própria realidade cotidiana (Berger; Luckmann, 2004)

A institucionalização surge quando ações humanas repetidas se tornam hábitos e, posteriormente, padrões compartilhados. A repetição das ações elimina a necessidade de

escolhas constantes, gerando alívio psicológico e estabilizando a conduta. Quando essas tipificações são reciprocamente aceitas, constituem-se as instituições, que passam a controlar a conduta independentemente da vontade individual. As instituições possuem sempre uma história, mas, uma vez estabelecidas, apresentam-se como realidades exteriores, dotadas de poder coercitivo. O mundo institucional configura-se, assim, como uma realidade objetiva, embora seja produto da atividade humana. O homem produz o mundo social e, ao mesmo tempo, é produzido por ele. A sociedade é produto humano, a sociedade é uma realidade objetiva e o homem é um produto social. Essa relação é mediada por mecanismos de controle social, pelo conhecimento primário compartilhado e pela linguagem, que define os limites entre normalidade e desvio, entre sanidade, moralidade e ignorância. Os papéis sociais são segmentos da personalidade objetivados em tipificações socialmente válidas. Eles permitem que as instituições se incorporem à experiência do indivíduo, funcionando como mediações entre a estrutura social e a ação concreta. Aprender um papel não significa apenas adquirir rotinas práticas, mas também assimilar visões de mundo, expectativas e sistemas de relevância. A especialização dos papéis intensifica a divisão social do conhecimento, tornando impossível a qualquer indivíduo dominar a totalidade do saber socialmente disponível (Berger; Luckmann, 2004)

A legitimação surge quando a ordem institucional precisa ser explicada e justificada, especialmente no processo de transmissão às novas gerações. Ela integra os diferentes significados institucionais dentro de universos simbólicos, que funcionam como matrizes de sentido capazes de sustentar a ordem social como um todo coerente. Esses universos, embora sejam produtos históricos da atividade humana, tendem a se apresentar como naturais, evidentes e necessários, operando como mecanismos de manutenção simbólica da realidade social. No plano subjetivo, a realidade social é interiorizada por meio da socialização. A socialização primária, vivida na infância, introduz o indivíduo no mundo social como se esse fosse o único mundo possível. Ela é profundamente marcada pela emoção e pela ausência de escolha dos outros significativos, razão pela qual os conteúdos nela interiorizados tornam-se fortemente entrenchados na consciência. A criança interioriza não apenas normas e valores, mas também os mecanismos de legitimação que explicam por que o mundo é como é. A socialização secundária, por sua vez, corresponde à interiorização de submundos institucionais ligados à divisão do trabalho e à distribuição social do conhecimento. Ela exige a aquisição de vocabulários específicos, campos semânticos próprios e formas de conduta adequadas a

contextos especializados. Diferentemente da socialização primária, ela pode ocorrer sem forte identificação emocional, baseando-se muitas vezes em relações funcionais e anônimas. No entanto, essas novas interiorizações precisam manter algum grau de coerência com a realidade já estabelecida (Berger; Luckmann, 2004)

Assim, a construção social da realidade não é um processo estático, mas uma dinâmica permanente de exteriorização, objetivação e interiorização, na qual os indivíduos produzem o mundo social e, simultaneamente, são por ele produzidos. A vida cotidiana, as instituições, os universos simbólicos, os papéis e os processos de socialização sustentam a realidade como uma obra sempre inacabada, constantemente reafirmada e, ao mesmo tempo, aberta à transformação histórica (Berger; Luckmann, 2004)

A partir da concepção da realidade como socialmente construída, estabilizada e legitimada por meio de práticas cotidianas, instituições, linguagem e universos simbólicos, torna-se possível compreender como determinadas racionalidades históricas passam a operar como princípio dominante de interpretação do mundo social. O neoliberalismo tornou-se uma forma hegemônica de construção da realidade, tornando-se imbricado da vida cotidiana, mercantilizando-a. Pensar o neoliberalismo é fundamental para entender os movimentos de antidemocráticos, e compreender a dinâmica que opera com grupos de extrema direita. Esses, que nos últimos anos têm ganhado forças e passado a atuar mais fortemente na esfera pública, principalmente nos espaços digitais. O que pode ser chamado como direita ascendente, combina elementos como libertarianismo, moralismo, autoritarismo nacionalismo, ódio ao Estado, conservadorismo cristão e racismo. Desse modo, tem-se a combinação de elementos tradicionalmente neoliberais (Diminuição do estado, ataque à ideia de igualdade, ideia de liberdade destoadada da justiça social) combinados com elementos aparentemente opostos, ligados à moralidade e ao tradicionalismo (Brown, 2019)

Segundo Brown (2019), a forma como o neoliberalismo destruiu uma série de políticas sociais e uma série de dinâmicas próprias do capitalismo tardio empobreceu a classe média branca de países tanto do Norte quanto do Sul global. O sentimento de frustração e até mesmo humilhação foi o fertilizante para que a racionalidade neoliberal se misturasse a uma série de ideais morais. O neoliberalismo fomentará um populismo de direita, se alimentando desse ressentimento pela perda dos privilégios carregados pela masculinidade, pela cristandade e pela branquitude. Uma

retomada de supostos valores e o reposicionamento dos grupos de privilégios vão ser tomadas como bandeira por diversos movimentos ao redor do mundo, podendo citar o "Make America Great Again" de Donald Trump nos Estados Unidos, "A França para os franceses" pela Marine Le Pen, "Take back control" no Reino Unido, "Nossa cultura, nosso lar, nossa Alemanha", "Polônia pura. Polônia branca" e, "Mantenha a Suécia sueca" (Brown, 2019).

A partir desses slogans de ressentimento dos grupos de extrema direita, foi possível aglutinar diversos setores da sociedade dentro de um único movimento. Entre eles podemos citar grupos racistas que estavam dispersos, católicos de direita, cristão evangélicos e cidadãos frustrados com sua perda de poder aquisitivo, frustrados com a sua situação econômica. Além disso, é importante destacar o papel que grupos econômicos tiveram nesse processo, financiando tanto ferramentas de divulgação e mobilização, quanto financiamento de políticos. Pensa-se então o neoliberalismo como uma forma de pensamento que vai aglutinar o mercado e a moral. Ele propicia as condições ideais para a expansão de grupos extremistas e racistas no final do século XXI. A ascensão política de grupos nacionalistas, autoritaristas e supremacistas brancos é diretamente influenciada pela instrumentalização feita por grupos econômicos, da insatisfação e indivíduos abandonados economicamente, ressentidos racialmente, mas principalmente afetados pelo dano causado pela racionalidade neoliberal que atacou em três décadas a democracia e igualdade (Brown, 2019).

Autores como Friedrich Hayek, vão defender ideias que se opõem à noção de sociedade, defendendo que ela seria uma "Fraude Semântica", e que qualquer tentativa de pensar o social seria um ataque tirânico à liberdade. Cria-se a noção de uma liberdade que está destoadada de justiça social. Para Hayek, apenas o mercado e a moral seriam a verdadeira natureza da justiça, colocando a preocupação exclusivamente na conduta, e não nos resultados gerados. Ele mesmo assumia que não apenas o esforço levaria o indivíduo a obter melhores condições para si, mas que fazia parte do jogo um pouco de sorte. Dessa forma pensar a justiça social seria um ataque à verdadeira justiça, à liberdade e ao desenvolvimento da civilização, o que só poderia ser garantido pelo mercado e pela moral. Assim, a sociedade precisa ser desmantelada. (Brown, 2019).

No neoliberalismo realmente existente, o desmantelamento da sociedade ocorre em múltiplas frentes atravessando dimensões epistemológicas, políticas, legais, éticas e culturais.

Epistemologicamente, há o ataque à própria noção de sociedade, negando sua existência e rejeitando qualquer preocupação com a desigualdade, como se pensar o social fosse uma ameaça à liberdade individual. Politicamente, o ataque se dá por meio do desmantelamento e da privatização do Estado social, substituindo direitos por serviços e dissolvendo o coletivo em nome da eficiência do mercado. Legalmente, o ataque se manifesta no manejo das reivindicações de liberdade para contestar a igualdade e o secularismo, convertendo o discurso da liberdade em ferramenta de dominação. Eticamente, o ataque se expressa na contestação da justiça social, sustentada pela autoridade natural dos valores tradicionais que legitimam hierarquias e desigualdades. Culturalmente, o ataque aparece na forma da “desmassificação”, que busca escorar indivíduos e famílias contra as forças do próprio capitalismo que os ameaça, enquanto enfraquece a dimensão coletiva da vida. A lógica da responsabilização individual transforma cada sujeito em gestor de si mesmo, enquanto a ideia de resiliência exige que trabalhadores não sindicalizados e precarizados capitalizem suas posses, tempo e identidades, como na economia de plataformas. Ao mesmo tempo, os investimentos sociais são reduzidos e transferidos às famílias, reforçando a privatização da vida e aprofundando desigualdades. (Brown, 2019).

E central para a discussão do neoliberalismo, a noção central de que a igualdade política está na base da ideia de democracia. De acordo Brown (2019) a democracia está ancorada da igualdade, sendo assim necessário que as diferenças de poder não sejam tão grandes entre os indivíduos de uma mesma sociedade. Assim o estado moderno capitalista deve criar formas de garantir condições para que a igualdade opere entre todos os cidadãos, funcionando, a justiça social, como antídoto para correção de assimetrias dentro de uma democracia. Desse modo, o desmantelamento do Estado social, que é proposto no neoliberalismo, é essencialmente antidemocrático em sua base, além de legitimar e criar formas antidemocráticas de gestão do estado. Cria-se uma cidadania antidemocrática que possibilita um estado cada vez mais antidemocrático. O que se apresenta é uma constante contraposição da liberdade em detrimento da igualdade dentro de uma sociedade, e o estado máximo dessa extrapolação, da negação da justiça social, está condensado na ideologia da pílula vermelha e da Alt-Rigth, ou no Brasil conhecido como a nova direita. A liberdade negando a sociedade é apenas um instrumento de poder, que nega toda a herança colonial, patriarcal e escravista, se apoiando na ideia de que a

vida está baseada em fatores biológicos, na responsabilização individual e na livre competição dos mercados (Brown, 2019).

Pensando o contexto da machosfera propriamente dito, vamos ter a questão da masculinidade branca, e como o ressentimento contra as minorias e principalmente contra as mulheres vão ser um fator central no pensamento desses indivíduos. Trabalhando na perspectiva dos homens brancos, Brown (2019) apresenta uma análise voltada para três elementos: Niilismo, Fatalismo e Ressentimento.

O niilismo contemporâneo pode ser compreendido como resultado histórico de um longo processo de desencantamento do mundo, iniciado com a ascensão da razão e da ciência, desmontando progressivamente as estruturas transcendentais que sustentavam a moral, o sentido e a orientação da vida. Em Nietzsche, esse processo marca a morte de Deus e a dissolução dos fundamentos últimos dos valores; em Weber, ele aparece como desencantamento; em Tolstói, como dessacralização profunda da existência. O que se rompe não é apenas uma crença religiosa, mas toda uma arquitetura moral e simbólica que organiza a vida social. Com isso, instaura-se um vazio estrutural de sentido, no qual os valores já não se sustentam por si mesmos e a conduta deixa de encontrar ancoragens transcendentais. Esse colapso abre caminho para um mundo no qual os próprios poderes criados pelos seres humanos passam a rebaixar os humanos, gerando um paradoxo profundo: aquilo que se constrói para ampliar a vida retorna como força de desumanização, intensificando o niilismo (Brown, 2019).

No neoliberalismo, esse esvaziamento se radicaliza. Ao transformar os indivíduos integralmente em capital humano, ele converte todas as dimensões da existência de afetos, desejo, corpo, tempo, relações, em ativos monetizáveis. O que antes aparecia como corrupção moral passa a ser norma racional da vida. A financeirização acelera esse processo ao submeter até mesmo o futuro à lógica do investimento, fazendo com que cada gesto seja avaliado por seu potencial de valorização. O mercado deixa de ser apenas um espaço econômico e se impõe como princípio de realidade e como verdade moral, transformando-se no agente efetivo do pensamento e da ação.

Esse cenário produz uma forma específica de “subjetividade dessublimada”. Retomando Marcuse, Wendy Brown mostra como a chamada “dessublimação repressiva” dissolve o antagonismo entre princípio do prazer e princípio da realidade. O prazer e especialmente a sexualidade são incorporados em todos os lugares da cultura capitalista, mas sem produzir libertação real. O sujeito torna-se, ao mesmo tempo, “livre, estúpido, manipulável, consumido por estímulos e gratificações triviais”, relaxado quanto às exigências da consciência social e da inteligência crítica. Trata-se de um sujeito que não apenas goza mais, mas pensa menos, enquanto o neoliberalismo avança desmontando tanto o social quanto o conhecimento intelectual (Brown, 2019).

Nesse terreno, o niilismo passa a operar como depressão radical da consciência e da obrigação social. A moral deixa de ser parâmetro de conduta e passa a funcionar como estandarte instrumental. O que importa não é agir moralmente, mas brandir a moral contra o outro. Isso ajuda a explicar por que escândalos morais não enfraquecem determinadas lideranças da extrema direita: o niilismo desbloqueia a vontade de potência tanto nos sujeitos quanto nos próprios valores tradicionais, revelando o privilégio, a arrogância e a energia crua de poder que esses valores sempre codificaram. A moralidade, esvaziada de fundamento, regride à sua forma mais elementar: afirmação de poder sobre o outro (Brown, 2019).

É nesse ponto que niilismo e ressentimento se articulam de modo explosivo. Em Nietzsche, o ressentimento poderia se tornar força criadora, capaz de gerar novos valores. No entanto, o que se vê hoje é um ressentimento que não cria, apenas destrói. Trata-se de um ressentimento que emerge não da fraqueza, mas do destronamento: da supremacia lesada, da autoridade perdida, do privilégio ameaçado. A masculinidade branca, historicamente dominante, reage à percepção de seu declínio como se estivesse diante da ruína do próprio mundo. Feministas, multiculturalistas, globalistas, minorias e movimentos de direitos são convertidos em inimigos existenciais, culpados pela perda de status, poder e sentido (Brown, 2019).

Esse ressentimento não produz um novo projeto de sociedade, mas uma política permanente de vingança. Não há horizonte de futuro, apenas desejo de destruição do presente. A lógica não é construir, mas punir; não é transformar, mas aniquilar simbolicamente e, em muitos casos, fisicamente o inimigo imaginado. O homem branco destronado passa a se perceber como o verdadeiro “bom”, enquanto transforma o outro no “mal absoluto”. Surge, então, a fantasia de

que, se ele não dominar o mundo, não pode haver mundo algum. O vazio de sentido do niilismo se converte em necessidade de fazer mal ao outro e celebrar diante da fogueira da própria destruição (Brown, 2019).

Para Brown (2019) há uma conexão forte do ressentimento com os grupos INCEL – Involuntary Celibate (Celibatário Involuntário), que são compostos por homens cuja frustração afetiva é convertida em ódio direcionado às mulheres. Aquilo que antes era vivido como vergonha, sofrimento e autodesprezo é dessublimado na forma de fúria assassina, tanto nas agressões digitais quanto em atentados terroristas. Ao mesmo tempo, esse ódio se ancora em um tradicionalismo moral niilista, “anterior ao feminismo”, segundo o qual o acesso masculino às mulheres seria um direito natural. A dessublimação, aqui, não liberta, mas autoriza a violência como forma de afirmação de potência. A “dessublimação repressiva” associa liberdade e opressão, transgressão e submissão, aparecendo nas explosões de patriotismo raivoso, nos ataques a minorias, nas práticas de trollagem e humilhação online. Trolar, destruir reputações, incitar ódio passa a ser uma forma desesperada de “sentir poder” quando a construção do mundo já não parece possível. É a “destruição da vontade” de que falava Nietzsche, agora re-atualizada na política do ódio (Brown, 2019).

Esse quadro é atravessado ainda por três grandes deslocamentos espaciais produzidos pelo neoliberalismo: a perda do horizonte do Estado-nação diante da globalização, a destruição sistemática do social e a ascensão do capital financeiro como forma dominante de valor. Esses deslocamentos retiram dos sujeitos qualquer sensação de enraizamento, pertencimento ou controle sobre o próprio destino. O resultado é um niilismo que já não se limita à crise dos valores, mas se estende à própria experiência de mundo. Os poderes humanos que deveriam ampliar a vida aparecem agora como forças incontroláveis, capazes apenas de intensificar a sensação de insignificância, impotência e vazio. Em vez de produzir novos valores, esse niilismo sustenta uma política da aniquilação, fundada na vingança, na agressão e na recusa radical de qualquer projeto de humanidade compartilhada. Trata-se, portanto, de um niilismo empapado de ressentimento, no qual a destruição do outro passa a funcionar como último simulacro de sentido em um mundo esvaziado (Brown, 2019).

Nesse sentido, a racionalidade neoliberal não pode ser pensada separadamente das transformações nas ferramentas comunicacionais contemporâneas. As plataformas digitais,

organizadas por lógicas mercadológicas, incorporam essa racionalidade ao cotidiano ao transformar relações, afetos e conflitos em dados e mercadorias. Ao fazer isso, não apenas naturalizam princípios neoliberais, como também criam condições materiais e simbólicas para a circulação de discursos moralizantes, ressentidos e antidemocráticos, frequentemente mobilizados por grupos de extrema direita. Assim, compreender a cultura da conectividade implica analisar o papel das plataformas na estabilização dessas formas de subjetividade e poder no mundo social contemporâneo.

A transformação das mídias sociais ao longo das últimas décadas redefiniu profundamente como a vida social, cultural e profissional se organiza. Plataformas como Facebook, YouTube e Wikipedia permitem que indivíduos construam conexões, compartilhem conteúdos expressivos e organizem suas atividades, mas também transformam essas relações em oportunidades de monetização, evidenciando a tensão entre socialidade e interesses corporativos. A presença generalizada dessas plataformas leva as pessoas a mobilizarem grande parte de suas atividades cotidianas nos ambientes digitais, criando uma camada online que influencia interações individuais, comunitárias e normativas em larga escala. Com o advento da Web 2.0, serviços online evoluíram de canais de comunicação para veículos interativos de sociabilidade em rede, permitindo conexões participativas e a construção de comunidades. No entanto, essa conectividade rapidamente se tornou um recurso econômico, à medida que engenheiros e corporações encontraram maneiras de codificar informações em algoritmos que orientam o comportamento dos usuários e fomentam a criação de capital econômico pelas empresas proprietárias das plataformas. A “comoditização das relações sociais” tornou-se um instrumento estratégico, com empresas transformando relações em dados valiosos, consolidando a conectividade como um ativo econômico. (Van Dijck, 2013)

Entre os anos de 2000 e 2005 as plataformas se consolidaram como espaços alternativos, livres das restrições corporativas e governamentais, que permitiam aos indivíduos satisfazer necessidades comunicacionais e criativas regulando seu próprio tráfego social, sendo a Wikipédia a que mais destacava-se como plataforma de compartilhamento livre. A partir de 2005, com aumento das plataformas e a maior demanda para o controle das comunidades, muitas comunidades foram compradas e inseridas dentro da lógica mercadológica. Assim, entre 2005 e 2008 as empresas se preocuparam em criar um modelo de negócio que equilibrasse a satisfação do usuário para atrair novos, ao mesmo tempo que criassem uma base para atingirem

seus interesses comerciais. Ocorreu nessa fase uma série de testes de monetização nas plataformas. A criação de um espaço público digital para encontros e sociabilidades foi a grande inovação feita pelo Google e Facebook, transformando as relações sociais em produtos comerciais, passíveis de comoditização. E para além disso, gerou-se um subproduto, as informações sobre os padrões de comportamento e preferências. Surge assim a o conceito de conectividade: Tem-se a ideia de que é o capital social é acumulado pelos usuários, mas o termo passa a ser tomado para o capital econômico acumulado pelas empresas donas das plataformas. A lógica mercadológica das plataformas é bem-marcada observando que 98% delas enxergam em primeiro lugar a internet como um mercado, e apenas em segundo lugar um espaço público de sociabilidades, sendo a Wikipédia uma das exceções a essa regra. (Van Dijck, 2013)

Nos estudos de economia política aponta-se que mesmo a web 2.0 tinha um potencial para ser um espaço de democracia digital, de participação. Entretanto o que se observa é que dentro da lógica comercial ela se torna um campo fértil para modelos de vigilância, e tomando a privacidade como capital social, além de uma dupla exploração, dos produtores de conteúdo, e dos consumidores, com o fornecimento dos seus dados. Surge assim a discussão sobre privacidade e comoditização das sociabilidades digitais, questionando quem pode possuir as informações sobre os usuários, quem controla os algoritmos, e quem possui o poder dentro das arenas de comunicação pública onde se estabelecem regras e debatem normas do ambiente digital, sendo as últimas maiores que o arcabouço jurídico de um determinado país. O que se observa na internet é que o poder que não funciona pelo código jurídico, mas sim pela técnica e os elementos instituídos pelas plataformas que impactam as dinâmicas sociais digitais.

Houve uma grande mudança nas normais digitais nos últimos 10 anos, o que moldou toda a dinâmica no ambiente online. Destacam-se regras sobre o modo de compartilhamento e outras dinâmicas, que são muito diferentes atualmente, que no início da web 2.0. As mudanças na dinâmica online foram graduais, alterando-se conforme os usuários aceitaram novas funcionalidades e novas maneiras de monetização nas plataformas. Assim, as funcionalidades tecnológicas e os termos de uso geraram transformações graduais nos hábitos dos usuários. Percebe-se a importância das diversas gerações, onde algumas já nasceram com a internet como forma naturalizada de sociabilidade, e estão menos propensas a questionarem suas bases de

funcionamento. O que se intensifica ainda mais com o designer das plataformas, com seus botões de curtir, compartilhar e comentar, que impactam na estrutura de sociabilidade, dentro ou fora da plataforma, de modo que as novas funcionalidades técnicas impactam diretamente na dinâmica relacional dentro desse espaço público. (Van Dijck, 2013)

Para compreender o funcionamento das plataformas digitais, deve-se pensar a interconexão de todas em uma análise de todas as plataformas como um macrossistema, o “ecossistema dos meios conectivos”, que trabalha de forma dialética com as normas culturais do mundo cotidiano. Uma mudança em uma plataforma pode significar uma alteração em todo o ecossistema. Assim o redesenho do Hardware ou Software propicia a formulação de uma nova sociabilidade. Outra ferramenta importante para análise das dinâmicas criadas pelas plataformas digitais passa pela articulação entre a teoria do ator-rede e a economia política, que permite compreender as plataformas digitais como construtos tecnoculturais, inseridos em estruturas socioeconômicas organizadas, nas quais toda transformação ocorrida em um microssistema (uma determinada plataforma, como Facebook ou o Twitter) impacta, de maneira mais ampla, todo o ecossistema digital. Nesse cenário, os principais atores institucionais que operam essas dinâmicas são os governos, as corporações envolvidas em determinadas estratégias econômicas, os grupos de base que utilizam as mídias sociais como forma de contrapoder, além dos programadores e dos conectores (switchers), responsáveis por programar e articular os fluxos que estruturam as redes. Assim, o objetivo central ao se pensar a cultura da conectividade é compreender a evolução conjunta das plataformas de mídias sociais e da sociabilidade no contexto de uma cultura crescente da conectividade, partindo, inicialmente, da dissecação das plataformas individuais como microssistemas, abordando-as como verdadeiros construtos sociotécnicos, atravessados simultaneamente por dimensões técnicas, políticas, econômicas e culturais. (Van Dijck, 2013)

Monetização dessas plataformas e a alteração dos termos de uso, colocam as plataformas como proprietárias dos dados produzidos pelos usuários nos mesmos. Além disso, as grandes plataformas enxergam o conteúdo produzido pelos criadores apenas como um dado, passível de ser englobado como elemento econômico. O início de plataformas focadas na propriedade

compartilhada vai se transformando com o passar do tempo e com a mercantilização das redes, em propriedade privada, sendo a forma de propriedade mais comum, sendo a lógica do modelo neoliberal. Tem-se ainda mais a ideia de parcerias entre plataformas e outros atores por meio de APIs. Além disso, pensa-se em parcerias verticais, onde uma plataforma se associa à uma mídia tradicional de fora da internet. A governança das empresas privadas é primordial para entender a forma como as normas digitais são criadas, e a partir delas as dinâmicas de sociabilidade dentro das plataformas são constituídas. Pensa-se também que algoritmo, termos de uso são ferramentas de controle das plataformas sobre os usuários. Tem-se também o modelo de monetização por tarifas e assinaturas, onde se configura a dinâmica de modo a se guiarem pelo equilíbrio entre a vender como uma oportunidade sem que o usuário perceba que está sendo explorado pelos donos da plataforma. Uma vez que se sentirem assim os usuários saem da plataforma, por isso essa introdução das tarifas e serviços premium precisam ser bem calculadas. Além das assinaturas e publicidades, também se lucra com os dados obtidos do uso dos usuários da plataforma. (Van Dijck, 2013)

A cultura da conectividade está ligada aos princípios do neoliberalismo, sendo um resultado de uma batalha por conquistar mais capital social dentro das plataformas. As funcionalidades de uma plataforma fomentam hierarquia, a competição e o lugar do vencedor, de modo a capitalizar isso tudo. (Van Dijck, 2013) Essa dinâmica dentro das plataformas está sinergicamente interligada com o que Wendy Brown (2019) traz na sua análise do neoliberalismo, com a mercantilização de todos os elementos da vida social. Tem-se uma intensificação da exploração mercadológica das relações sociais em si, mas também dos subprodutos gerados pela criação de redes. Para além disso, observa-se também a intensificação da individualização, a ideia de ser empreendedor de si mesmo, tirando do social a responsabilidade pelos insucessos da vida, enquanto os donos das grandes plataformas conseguem monetizar cada elemento da vida social e controlar a partir de elementos das plataformas o comportamento individual de todos os atores dentro do ambiente online.

O processo de naturalização das normas no meio digital apontados por Van Dijck (2013), onde as gerações que já nasceram com a realidade digital presente nas suas vidas estão mais propícias a não questionarem a mesma, está intimamente ligado à internalização da realidade da vida cotidiana, que está completamente contaminada pela realidade digital. Assim, lógica neoliberal tende a se tornar cada vez mais imbricada nas relações sociais, de modo que os interesses mercadológicos passam a ocupar posição central, na medida em que os controladores das grandes plataformas exercem influência significativa sobre os comportamentos individuais nas redes.

2.2 A MACHOSFERA

A machosfera é um grupo de homens percebido como espaço compartilhado de sociabilidade em ambientes digitais, onde ocorrem debates e deliberações, nos quais os seus membros encontram apoio e solidariedade. Nesse espaço, acusam o movimento feminista de praticarem a castração simbólica dos homens e, a partir disso, fazem um chamado para a luta contra a misandria das mulheres de forma geral, do feminismo e dos governos de esquerda (Lacalle, 2023).

Para além de um ambiente tóxico, misógino, é um espaço de interação social digital, onde muitos dos homens que frequentam esses espaços não têm noção do ambiente nocivo e violento que estão entrando. Nesse sentido, servem como espaços de desabafos e descarrego para frustrações ligadas ao feminismo e as questões de igualdade de gênero, tornando-se um campo fértil para disseminação de ideologias extremistas e antidemocráticas, uma vez que o espaço e cria condições para que elas sejam facilmente assimiladas por seus membros. Contudo, não se trata apenas de um espaço para aprendizados antifeministas, mas um espaço de consolo, onde se tecem laços em torno desse imaginário de homens injustiçados pela sociedade moderna (García-Mingo & Diaz-Fernández & Tomás-Forte, 2022).

A Machosfera está espalhada por várias plataformas online, sendo o Reddit uma das mais importantes para o grupo, uma vez que ele é ferramenta que proporciona o anonimato e a ‘liberdade de expressão’. Nessa rede social, as postagens são moderadas por voluntários e a

própria comunidade define as publicações que ficaram em destaques, com *upvotes* e *downvotes*, de acordo com o tanto que aquela postagem agrada a comunidade. (Vilaça & D'Andréa, 2021).

É um pensamento comum, dos sub-grupos da machosfera, que a figura do homem tradicional não tem o mesmo espaço de poder e dominação que outrora e, em função disso, os homens buscarão restaurar essa masculinidade passada, reunindo-se como um coletivo e instrumentalizando a violência como uma ferramenta. Surge desse grupo a ideia de um contrato sexual pré-definido por uma fórmula única de sucesso da masculinidade. A lógica desse contrato traz a ideia de que há uma mulher para cada homem, casamentos devem ser precoces e duradouros, além da divisão dos papéis de gênero dentro do casamento, no qual o homem é o provedor dos recursos e a mulher responsável pelo trabalho doméstico (García-Mingo & Diaz-Fernández & Tomás-Forte, 2022). Nesse cenário, a machosfera é uma produtora de desinformação de gênero, além de ser um dos novos aparatos ideológicos do patriarcado, que se junta a uma série de outros dispositivos que colaboram com a manutenção da dominação de um gênero sobre o outro (Suárez, 2024).

A machosfera conecta uma série de subgrupos distintos, unindo-os dentro do pensamento “redpill” que carrega a noção de que a sociedade está contaminada pelas mentiras criadas pelo feminismo e que os homens precisam despertar para essa verdade. Dessa forma, a machosfera pode ser pensada como um grupo de interações e sociabilidade masculina que funcionaria como uma câmara de eco de visões misóginas e machista, que se reforça e se radicaliza dentro desse contexto. Além disso, há um aproveitamento da vulnerabilidade de homens que se sentem insatisfeitos com a sua masculinidade (Barreiro, 2024). Portanto, a machosfera mostra-se como um espaço de camaradagem masculina, sendo um espaço de ligação emocional e afeto (Suárez, 2024; Díaz, 2023).

Tendo em vista toda a articulação demonstrada, não se deve pensar a machosfera estando em um lugar marginal e underground, ela está presente em plataformas tanto anonimizadas, como os fóruns, quanto em plataformas abertas como Youtube, Facebook e Instagram. Sendo assim, a ideia de *sub*, serve aos próprios grupos, na medida que eles querem se colocar como oprimidos, possibilitando a inversão narrativa da hierarquia das opressões de gênero, raça, sexualidade e classe (Vilaça & D'Andréa, 2021). Em decorrência disso, é possível afirmar que a machosfera não é um grupo homogêneo, unicamente de homens machistas, é uma série de

grupos diversos e heterogêneos, que formularam perspectivas de vida e novas formas de auto referenciação, onde o ponto comum é essa oposição ao feminismo, mas de formas distintas (Daudt & Valiati & Conte, 2024).

2.3 PERSPECTIVAS E HISTÓRICO

2.3.1 Histórico Recente

O primeiro subgrupo da machosfera que surge no mundo físico são os MRA – Men's Rights Activist (Ativista pelos Direitos dos Homens), carregando a ideia de que são os homens, e não as mulheres, os desfavorecidos dentro da sociedade (Ribeiro *et al.*, 2021). Os fóruns PUA – Pick-Up Artist (Artista da Conquista ou Especialista em Sedução) foram os primeiros a serem criados e, com o passar dos anos, foram se tornando mais próximos da Alt-right Os MRAs que foram pioneiros dentro da machosfera deixaram de ser os principais atores, tendo sua comunidade diminuindo entre 2013 e 2018, passando da subcultura mais popular para a terceira. Para assumir essa frente popular, em 2018, os INCELS tornaram-se a comunidade mais ativa da machosfera. Os primeiros fóruns INCELS são datados de 2010, no entanto a subcultura ganhou força em 2016 e sua popularidade é explicitada em 2018 (Ribeiro *et al.*, 2021).

Já os primeiros Fóruns MGTOW – Men Going Their Own Way (Homens Seguindo Seu Próprio Caminho) foram criados em 2011 e o grupo cresceu durante os anos subsequentes, se tornando, em 2017, o grupo mais popular. Atualmente é o segundo mais popular da machosfera. O subreddit *r/TheRedPill*, criado em outubro de 2012, foi a comunidade mais ativa de 2013 a 2016 e, em 2018, foi colocada em quarentena (Ribeiro *et al.*, 2021). Pode-se dizer que entre 2006 e 2011, a machosfera girava em torno dos PUAs e dos MRAs. No período de 2012 a 2016, houve um crescimento dos fóruns da Teoria da Redpill e um crescimento dos Fóruns de MGTOWs, além de uma queda dos fóruns de PUA. Entre 2017 e 2018, os fóruns MGTOWs e INCELS cresceram e aqueles sobre a Teoria da Redpill perderam força. As comunidades se sobrepõem em certas medidas com outras. A comunidade que menos teve vínculos de semelhança com outras, ao longo dos anos, foi a comunidade INCEL. Em termos de migração de comunidades, percebe-se que foi muito a migração de MRA para MGTOW, MRA para os PUA, PUA para INCEL (Ribeiro *et al.*, 2021).

Visto tudo isso, é importante explicitar que os subgrupos se sobrepõem. Indivíduos participam ativamente de mais de uma comunidade e há migrações entre as comunidades. Por exemplo, comunidades mais antigas como os PUAs e os MRAs estão cedendo espaço para subgrupos mais novos e mais extremos, como os MGTOW e os INCELS. Além disso, essas comunidades mais novas são consideradas mais tóxicas e misóginas que as antigas (Ribeiro et al., 2021).

2.3.2 Vitimismo masculino

A partir do século XXI, o movimento feminista conquistou uma série de avanços, principalmente ligados à questão da violência sexual. Essas conquistas causaram um contramovimento numa vertente antifeminista que se assemelha ao que ocorreu na década de 70 e 80. Entretanto, esse contramovimento se diferencia na medida em que se instaura um movimento digital, tendo estabelecido a machosfera online como ambiente de mobilização e atuação dessa vertente antifeminista. Nesse novo ambiente, a extrema direita incorpora e se apropria a machosfera de modo a utilizar sua habilidade de difusão de mensagens antifeministas e desinformações, a fim de deslegitimar os movimentos feministas e normalizar as violências de gênero (Valcárcel & Fernández & Triviño, 2024).

Importante destacar a característica de volatilização e viralização nos espaços de atuação dos subgrupos da machosfera visto que emerge do ambiente da internet. Ou seja, a subversão da narrativa é apropriada por meio do discurso da vítima, destaca a ideia de que a sociedade geral e o feminismo colocam os homens como culpados de todos os males. Tem-se a narrativa do sofrimento masculino, a ideia de perda de direitos com os avanços do feminismo e uma admiração nostálgica aos tempos passados, onde o patriarcado tinha mais forma na sociedade (García-Mingo & Diaz-Fernández & Tomás-Forte, 2022). Surge também, na machosfera, a ideia de capital sexual feminino, de modo que nessa perspectiva, as mulheres têm o controle sobre o sexo. Nessa ideia de capital, o ato sexual funciona como uma moeda de troca na relação com os homens, possibilitando que se manipule e controle os mesmos através da prática sexual. Na lógica redpill, há uma corroboração com a ideia de que os homens são as verdadeiras vítimas do sistema, uma vez que estão expropriados desse capital e são explorados pelas mulheres (Suárez, 2024).

Para demonstrar a ocorrência do discurso que os coloca como vítimas, Wigdor e Udovicich (2018) analisam os grupos do Facebook 'Varones Unidos' e 'Machos Alfa'. A partir dessa análise

foi possível observar que, para essas comunidades online, a sociedade sempre foi injusta com os homens. As mulheres, homossexuais e imigrantes seriam privilegiados em detrimento de homens que, na maioria das vezes, são brancos. Esses se sentem lesados por um discurso que os coloca como detentores de poder por meio da masculinidade. Contudo, por não verem esse poder da masculinidade expresso no seu dia a dia, os homens se veem reféns desse ideal, pois precisam se colocar em risco constantemente, expostos a violência, e reprimir as suas emoções (Wigdor & Udovicich, 2018).

A partir da Teoria da Redpill, pensa-se a insegurança masculina, proveniente de uma não realização da performance de masculinidade hegemônica — atribuída aos avanços do feminismo. Soma-se a isso a ideia de que as mulheres querem castrar os homens, transformar um homem alfa em beta, visto como um processo de domesticação da masculinidade. Esse processo é visto como algo natural e inconsciente da mulher, pois ao diminuir o valor desse homem, após domesticá-lo, trocava-se esse homem beta — domesticado — por um homem com mais valor na escala — alfa. Para finalizar, dentro do suposto processo de domesticação, o homem alfa nunca se vincularia a uma única mulher e estar num relacionamento monogâmico seria “coisa de beta” (Barreiro, 2024).

Nesse sentido, pode-se pensar no ressentimento como conceito amplo para a análise do comportamento dos INCELS. De acordo com Capelos e colegas (2024) o ressentimento pode ser caracterizado por um conjunto de emoções autodirigidas a si mesmo ou voltadas para os outros, como a inveja, vergonha, raiva, ódio e desprezo. A visão de mundo INCEL é moralista e maniqueísta, sendo os INCELS as pessoas boas, enquanto as mulheres e os homens bem-sucedidos sexualmente são as pessoas más. As mulheres são ressentidas pelos INCELS porque são desejadas, porém não são alcançadas, enquanto os homens são ressentidos na medida que eles possuem as características masculinas que os INCELS desejam ter. Esse ressentimento acontece até mesmo nos grupos Blackpill, os quais aceitaram a sua suposta condição de homem sem valor e nada pode mudar isso. Ressentem essas figuras ao mesmo tempo que fortalecem o laço da comunidade de fracasso comum (Capelos *et al.*, 2024).

2.3.3 A Teoria da Redpill

A machosfera além de ter grupos específicos com focos específicos, é também orientada por uma ideia comum, o ódio e a misoginia. O pensamento que pauta esse ponto comum é a Teoria

da Redpill. A Redpill parte pela ideia de fazer uma escolha pela verdade, criando a narrativa de que todos os avanços em torno da igualdade de gênero são na verdade uma opressão aos homens, logo, o despertar para essa verdade, seria como sair da matriz (Daudt & Valiati & Conte, 2024). A figura representada pelo filme Matrix, de 2000, criado e produzido pelas irmãs Lilly e Lana Wachowski, onde o personagem Neo sai da matriz, descobrindo a realidade do mundo, sendo na ideologia redpill a descoberta da opressão dos homens pela sociedade feminista. O ponto irônico é que as duas irmãs fizeram o processo de transição de gênero e a pílula vermelha é uma referência às pílulas hormonais tomadas no processo (Vilaça & D'Andréa, 2021). Neo, acorda fora da matriz, descobrindo que todo o mundo em que vivia era uma ilusão criada pelas máquinas para manter a humanidade adormecida e usada como fonte de energia. Caso tomasse a pílula azul, Neo continuaria vivendo num mundo de ilusões. Na analogia da Redpill, o despertar após descobrir a verdade seria como acordar de uma matriz, onde as narrativas dominantes são os ideais feministas, quando na verdade o homem sempre foi oprimido, sendo responsabilizado pelo sustento, pelo desenvolvimento da sociedade e quem se negasse a enxergar essa verdade seria tido como Bluepill — continuaria sendo submisso as mulheres. Seria necessário, portanto, criar uma resistência, atacando os privilégios femininos (Daudt & Valiati & Conte, 2024).

A estratégia desses grupos não é apenas manter os privilégios de gênero atuais, mas retroceder a um passado onde os homens eram proprietários das mulheres e seus filhos, a clássica família patriarcal (Silva & Hennigen, 2024). A Redpill também pensa a mulher como indigna de confiança, trabalhando ideia da mulher enquanto traidora, que pode acusar o homem de assédio e que tem a mentira como ferramenta para se aproveitar do mesmo. A figura da Eva, que faz Adão comer a maçã, é muito presente nessa perspectiva (Daudt & Valiati & Conte, 2024).

A Teoria da Redpill pensa duas categorias de homem, sendo que aquele que entendeu a lógica de funcionamento das mulheres, sendo um beta ou alfa, e resolveu não participar desse suposto mercado seria um *Redpill* ou *Redpilado*. No entanto, o homem conhece essa suposta verdade e entra numa relação com uma mulher que “o domina e o maltrata” seria um blue pill — sendo esse homem visto com desdém pela machosfera. A partir disso, é importante entender como operam os fóruns redpill, onde impera o processo de memeficação dos grupos tidos como inimigos, além de táticas de exposição, *trolling* violências cibernéticas e, por fim, ações de violência no mundo físico (Farias, 2023). Toma-se como ambientes das manifestações do

pensamento redpill as seguintes páginas: *MGTOW Club*, *O homem racional*, *Samurai red pill*, *Homens e irmãos* e o canal *Raccooning Raccoon* (Silva & Hennigen, 2024).

É muito comum na machosfera a utilização de elementos essencialistas e biologizantes para justificar assimetrias de gênero. Acredita-se em uma diversidade natural, que passa pela superioridade do homem em frente a mulher, e, portanto, as leis deveriam se apoiar nessa lógica. Além disso, na lógica dos grupos masculinos supracitados, as diferenças 'naturais' entre homens e mulheres operariam de forma complementar, conseqüentemente, a dominação das mulheres pelos homens se daria a partir das vias institucionais, como família, escola e casamento. A dominação da masculinidade tradicional também se impõe violentamente sobre as outras masculinidades e as pessoas trans. Colocam como natural o que se encaixa na lógica heterocispatriarcal e tudo o que não se encaixa como formas antinaturais, patológicas, anormais e perigosas — sendo a heterossexualidade é um imperativo obrigatório (Wigdor & Udovicich, 2018).

Para Wigdor & Udovicich (2018), a teoria da Redpill é uma espécie de pensamento da machosfera comunicada em três eixos. O primeiro eixo é a ideia de “disforia de gênero”, onde pensam que existem tentativas de impor uma identidade de gêneros que não coincide com o sexo biológico, por instituições públicas, principalmente a escola. O segundo eixo é a “síndrome da alienação parental”, para justificar, apoiam-se na ideia do médico psiquiatra norte-americano Richard Gardner, a qual afirma que a mãe tensiona a relação do filho com o pai num contexto de disputa de guarda, sendo que essas ferramentas na verdade servem para proteger os filhos de pais abusadores. O terceiro eixo é o “Modo Nuclear de família,” o qual carrega um essencialismo em torno do trabalho do cuidado a ser feito pelas mulheres e uma preocupação da destruição da família tradicional pelos movimentos feministas — movimentos esses que buscam estabelecer na verdade uma divisão igualitária do trabalho do cuidado (Wigdor & Udovicich, 2018).

2.3.4 Masculinidade Hegemônica como forma de opressão

No panorama geral do funcionamento da machosfera, serão tratadas as masculinidades que compõem os grupos. A ideia da masculinidade hegemônica está sempre presente, uma vez que as novas formas de masculinidade da machosfera foram construídas a partir dessa masculinidade (Lima-Santos & Santos, 2022). Como resultado, as violências de gênero estão sendo perpetuadas por essa masculinidade hegemônica, que está vinculada com o branquitude, heterossexualidade e cisgeneridade em bolhas da internet. A performance da masculinidade hegemônica está vinculada com diversos fatores, como: controle econômico, virilidade, agressividade, violência. Desse modo, o que está distante dessa performance é perseguido pelo grupo, por ameaçar o conjunto de privilégios historicamente vivenciados por esse grupo. Com o avanço do feminismo, cria-se a ideia de uma crise da masculinidade, implicando em um impacto nos privilégios dos homens hétero cis brancos, que perdem os espaços de dominação e controle anteriormente vigentes, (Romeiro *et al.*, 2023) buscando fortalecer a masculinidade hegemônica, retrocedendo a uma sociedade onde se opera a dominação masculina completa (Silva & Hennigen, 2024).

De forma geral, na interação com as mulheres, esses homens se colocam no papel de vítimas, ressentidas com a sociedade e a perda dos seus privilégios, conseqüentemente a isso, o ataque a leis de proteção aos direitos da mulher, como a Lei nº 11.340/11, Lei Maria da Penha e a Lei nº 13.104/2015, lei do feminicídio, que demonstram uma lacuna de pesquisa para se explorar como os grupos da machosfera pensam as leis de proteção ao direito da mulher (Silva & Hennigen, 2024).

A marca colonialista é reproduzida nos espaços online, de forma geral, os quais são espaços hiper masculinos, cuja mera existência da mulher no mundo online é tida como uma ofensa para os grupos da machosfera. Mesmo não tendo os atributos de um macho Alfa (Homem dominante, viril) ou Chad (homem alto, bonito, musculoso, que atrai as mulheres por seus atributos físicos), um INCEL ou beta ainda é dominante no meio online em relação às mulheres no mesmo espaço (Lima-Santos & Santos, 2022). As mulheres são tidas como infantilizadas, por não assumirem responsabilidades, por chorarem e não serem independentes, ao mesmo tempo que são colocadas como ardilosas, maquiavélicas e extremamente interesseiras, coisas que são incoerentes (Silva & Hennigen, 2024).

A machosfera classifica as mulheres em três categorias, que se baseia exclusivamente em machismo e misoginia, sendo elas:

(I) As *modernetes* nomeadas pelo grupo como mulheres que rompem com o arquétipo da dona de casa, sendo independentes, ao mesmo tempo que vivem a sua liberdade sexual de forma vista como promíscua por eles.

(II) As *conservadias* — mulheres que se dizem conservadoras, mas que, para os masculinistas, são apenas mulheres que querem o benefício de ter um provedor, sem se submeterem a esse homem.

(III) As *espertinhas* — mulheres que defendem um relacionamento monogâmico apenas para se beneficiarem do sustento do homem, mas que se diferem das ‘conservadias’ por não se colocarem como mulheres conservadoras.

2.3.5 A Ultradireita e a Radicalização

A retroalimentação entre o sexismo e a misoginia se torna a porta de acesso para a radicalização. Conforme apontado, esses espaços são câmaras de eco onde as vozes discordantes se assemelham, validando uma ideia dominante e o uso de uma linguagem cada vez mais sexualmente explícita e violenta (Lacalle, 2023). A radicalização online é um processo contínuo, onde muda-se individualmente a forma como se vê o mundo, passa-se a consumir conteúdos e participar de grupos ligados a 'Alt-right'. Dessa forma, os homens passam a compartilhar a ideia de estarem ‘redpilados’ em grupos de amigos e os familiares que têm visões de mundo semelhantes (Marwick & Furl, 2021). Desse modo a 'Alt-right', funciona como uma espécie de *hub* para os grupos da machosfera (Farias, 2023).

Para demonstrar essa operacionalização, os autores Silva, Ferrari e Caetano (2022) observavam a página do Facebook *Nova Resistência* que conceitualiza o que é “ser homem” como algo dado pela natureza, biológico, ligado aos conceitos de virilidade, honra e tradição. Nessa dinâmica, o masculino e o femininos ocupam papéis opostos, entretanto, complementares. Sendo o masculino responsável pela proteção do lar com o uso da violência — sendo essa uma espécie de violência boa, viril, masculina — outrora, aos femininos, é relegado ao trabalho do cuidado. Desse modo, para o grupo, a desigualdade de gênero é tida como algo “natural”. Na medida em que homens e mulheres assumem funções diferentes na dinâmica da família Cisheteropatrinal,

as assimetrias de gêneros seriam algo “natural” dessa relação. Como resultado, cria-se uma na autoimagem de um arquétipo masculino, comunicando ‘o que é ser homem’ passando por ideias de performance, violência, status, sexo e poder (Silva & Ferrari & Caetano, 2022).

Em um *hub* mais amplo, a Ultradireita é composta por grupos que vão do espectro político partido de uma direita conservadora até a extrema direita. É perpassada, inclusive, por ideias de superioridade racial, xenofobia e misoginia. A ideia do “nós contra eles” e o “pânico moral” faz com que a direita caia em radicalismos (Farias, 2023).

2.4 ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO

2.4.1 Internet e Misoginia

Por mais que se pense em um ambiente horizontal e democrático, o ambiente digital se tornou um lugar dominado pelas grandes empresas de tecnologia (Apple, Microsoft, OpenAI, Amazon, Google e Meta) e a misoginia — violência digital — se tornou benéficas para os grandes grupos. Desse modo se instaura uma falta de controle nesses ambientes, com o pretexto da liberdade de expressão, que faz com grupos radicais surjam nos meios digitais, tornando a misoginia e violência contra as mulheres nos ambientes online, um fenômeno endêmico (Suárez, 2024).

O processo de informatização da vida nos últimos 50 anos aconteceu de forma muito intensa, de modo que nos dias de hoje a vida digital e a real são impactadas fortemente umas pelas outras. A digitalização trouxe o acesso à informação de forma mais democrática para todos e aumentou a facilidade de se conectar com pessoas de todos os lugares do mundo. Essa democratização foi questionada durante a pandemia, onde se percebeu que nem todos tinham acesso de forma igual à internet, além do fato da internet ser um meio fértil para a propagação de desinformações, extremismos e pós-verdades (Costumero & Roldán, 2024).

A polarização e o extremismo em uma internet amplamente desregulada e supostamente neutra, vindo de um ideal neoliberal, favorece aqueles que têm o objetivo de desviar o foco das questões que realmente importam no mundo moderno — desigualdades sociais, precarização do

trabalho, pobreza e violência. As ideologias que surgem nas redes simplificam relações humanas complexas e polarizam as opções, de modo a criar extremismos e polarizações, fazendo com que surjam movimentos sociais de cunho conservador (Costumero & Roldán, 2024).

As dinâmicas que operam nos ambientes digitais não estão descoladas dos ambientes presenciais. As estruturas sociais, como o patriarcado, se manifestam nas dinâmicas de gênero, impondo uma hierarquia onde a masculinidade hegemônica toma controle dos ambientes, impondo suas normas e controlando as performances nos ambientes digitais. O espaço público digital se torna mais hostil para as mulheres do que para os homens, uma vez que ele reproduz as assimetrias de gênero na sua dinâmica entre esfera pública e privada do mundo físico. A forma como a masculinidade hegemônica usa seu poder nos meios digitais passa por envio de imagens indesejadas, controle sobre o conteúdo e as redes da mulher, com o conhecimento das senhas dos aplicativos, vigilância usando softwares de espionagem e ataques em massa (Valcárcel & Fernández & Triviño, 2024).

Os meios sociais operam como um “patriarcado de vigilância”, onde se é colocado sobre as mulheres uma “burca digital”, uma espécie de controle do comportamento, das atitudes em função do medo que impede as mulheres de atuarem de forma livre nos ambientes digitais. Uma das práticas que pode ser destacadas como ferramenta de controle é a ataques generalizados contra mulheres de destaque, como influencers femininas, jornalistas de grandes portais, políticas que defendem os direitos da mulher — com o objetivo de silenciar as demandas femininas que essas mulheres trazem à público (Suárez, 2024).

2.4.2 Ataques

A forma como os grupos masculinistas se comunicam nas páginas do Facebook é de modo relativizar, ridicularizar e críticas as pautas do movimento feminista como a violência de gênero, a desconstrução do padrão de beleza, a legalização do aborto e o combate à violência física e psicológica (Wigdor & Udovicich, 2018). Os ataques massivos contra essas mulheres e os tipos de violência passam por ameaças de morte, ameaças sexuais ou ameaças contra parentes e amigos, incluindo até crianças. A violência virtual, pode parecer mais branda, mas pode gerar uma série de implicações para as mulheres como síndrome do pânico, depressão, ansiedade, distúrbios alimentares e dificuldade para sair de casa. A dificuldade de se punir as

peças que ameaçam essas mulheres é um fator importante para que essas práticas sejam perpetuadas.

Os ataques às mulheres no meio digital para garantir a preservação da dominação da masculinidade patriarcal contemporânea pode ser classificado como "*gender trolling*". Essa prática tem o objetivo de desvalorizar, menosprezar, ridicularizar, anular, incomodar, atacar, humilhar, assustar, ofender, insultar, vigiar, ameaçar, impedir, obstruir, difamar e minar a reputação, credibilidade e conquistas dessas mulheres (Suárez, 2024). Nos últimos anos uma série de avanços compuseram a quarta onda do feminismo. Nos anos de 2017 e 2018 ocorreram os movimentos #MeToo ou #Cuéntalo, além da campanha #BeenRapedNeverReported, popularizada em 2014, na qual várias mulheres se levantaram para acabar com o silêncio que acontecia sobre as violências sofridas. Em função desses avanços, uma série de respostas masculinistas a esses movimentos surgiram (Díaz, 2023).

Os Sub-grupos da machosfera, principalmente as PUAs e as MRAs se contrapuseram a esses avanços dentro dos sites Return of Kings e A Voice for Men, a fim de sustentar a narrativa de que são sim os homens as verdadeiras vítimas do feminismo. Entre as categorias de discurso presentes desses sites destacam-se (I) críticas e abuso verbal contra mulheres, (II) negacionismo em torno do estupro e enquadramento do #metoo como uma conspiração do movimento feminista — fazendo o uso da lógica de inversão de opressão e (III) uso de uma narrativa vitimista, onde os homens são oprimidos — que tem como verdadeiro pano de fundo, uma tentativa de restabelecer os valores de uma sociedade patriarcal. Os subgrupos da machosfera existem e são diferentes uns dos outros, porém em determinados momentos elas se sobrepõem (Dickel & Evolvi, 2022).

Para demonstrar, no ano de 2014, ocorreu a campanha de Cyberbullying #GamerGate, onde homens atacavam a entrada de mulheres na cultura gamer, visto que se trata de um ambiente muito masculinizado. Junto com a campanha do #HimToo, observou-se que essas reações ao feminismo se diferenciam de outros movimentos offline pela sua misoginia mais extrema e pelo anonimato que os espaços online propiciam aos agentes. A estrutura ideológica do networking

masculino é pautada pela irreverência e o politicamente incorreto, apontando a decadência da cultura no ocidente a partir do neoliberalismo progressista. A nova ordem social vigente causa nos homens que participam da machosfera um sentimento de humilhação, um ressentimento e um desejo de vingança (Díaz, 2023).

A atuação política nos ambientes digitais se dá pelo uso de memes, trolling e outras ferramentas. Essas estratégias culminam em espalhar ideologias extremistas de forma organizada e planejada nos ambientes digitais. O uso do *trolling* se dá por diversas ferramentas, como uso de *raids*, ataques DDOS, *doxing*. O uso do *trolling* tem o objetivo de intimidar os adversários dos grupos em questão. Além do *trolling* o uso de memes online (Zabalgoitia, 2022) — podendo ser citado o *Pepe the Frog*, como representante de ideais racistas, antisemitas e preconceituosos (neonazista) — também é um método de espalhar ideias extremistas de uma forma sutil, manipulando, muitas vezes, a mídia tradicional para comunicar o extremismo dos grupos de forma indireta (Bovan & Mikašinović-Komšo, 2024).

Imagem 1 – Personagem Pepe the Frog, criado por Matt Furie



Fonte: BBC (2016). Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-37493165>.

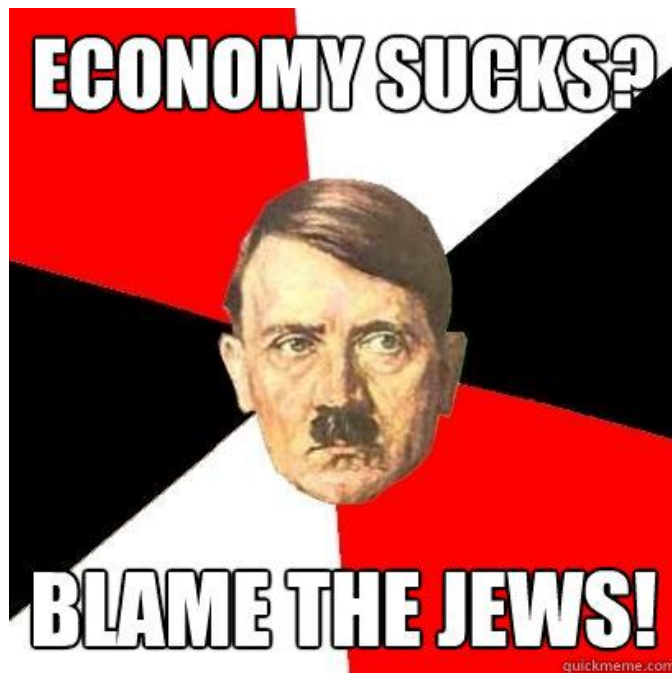
Não se pode ignorar o uso dos memes e a forma como eles viralizam atingindo um público gigantesco, levando com eles ideologias extremistas e antidemocráticas ((Bovan & Mikašinović-Komšo, 2024). Encontrou-se uma categoria de memes voltados a desacreditar

as vítimas de violência sexual, a segunda categoria de memes que visa banalizar a violência contra a mulher e uma terceira categoria que são os memes que trazem elementos jurídicos e ensinamentos sobre eles. Os memes são a ferramenta da machosfera que fazem circular as ideologias de forma disfarçada e embutida em um pseudo humor. Usa-se elementos dos memes comuns e integram a eles os discursos extremistas de forma dissimulada (García-Mingo & Diaz-Fernández & Tomás-Forte, 2022).

O Museu do Meme da Universidade Federal Fluminense traz uma série de referências acerca dos memes. Duas de suas matérias se destacam e se relacionam com a temática aqui trazida. As matérias ‘A sátira como estratégia de intensificação do absurdo.’ de Dandara Magalhães (2018) e ‘Os tentáculos do antifeminismo nos grupos de memes: o exemplo das mães solo.’ de Vinícius Machado Miguel (2023).

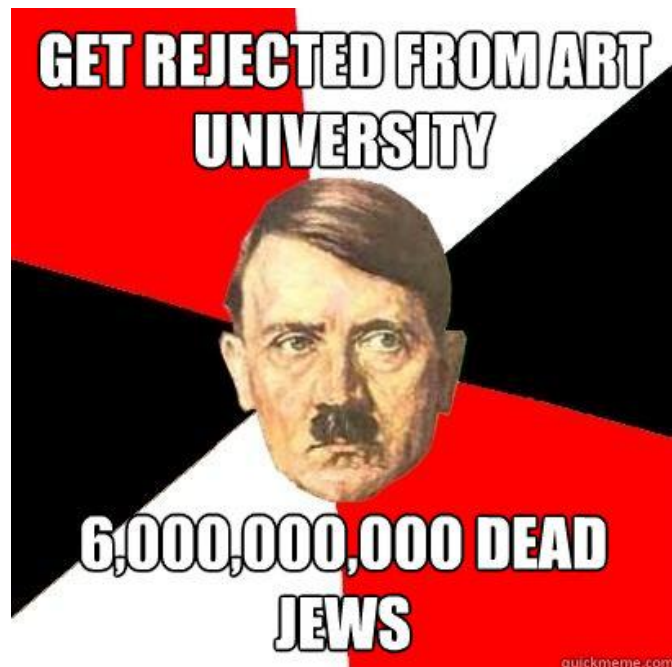
Magalhães (2018) traz uma discussão em torno do uso de memes em torno de figuras horríveis da história da humanidade que carregam uma crítica com o tom sarcástico em torno dos eventos operados pelo ator criticado. O meme “Hitler Advice” é tomado como exemplo, onde a estética do meme opera com a figura de Hitler e as cores do partido nazista, trazendo a satirização do mesmo, como nos exemplos abaixo:

Imagem 2 -Hitler Advice meme



Fonte: Museu de memes da Universidade Federal Fluminense.

Imagem 3 -Hitler Advice meme 2



Fonte: Museu de memes da Universidade Federal Fluminense.

Faz-se um alerta em tudo em torno da normalização de figuras horrendas utilizando-se dos memes. A normalização pode ser tida em um sentido positivo na medida que trabalha problemas sociais, mas existe uma outra visão que traz o risco do revisionismo histórico, levando até mesmo a idolatria de figuras abjetas do passado. Há o risco de se olhar para elementos do passado de forma nostálgica e heroica, o que pode proporcionar uma nova leitura do mesmo (Magalhães, 2018). Já Miguel (2023) traz o uso dos memes fortemente relacionado com os grupos e fóruns masculinistas, com o foco voltado para a figura da mãe solteira, conforme o meme abaixo:

Imagem 4 -Meme mãe solo



Fonte: Museu de memes da Universidade Federal Fluminense.

Observa-se nos grupos antifeministas a mãe solo como a mulher que aproveitou a vida solteira desprezando os “Caras legais”. Após ser largada pelo pai da criança, ela procuraria um beta para se aproveitar das brechas da lei e cobrar uma pensão socioafetiva. Para os grupos antifeministas, o tipo ideal de mulher é a que segue os padrões de mulher tradicional do século XIX, mulher do lar, focada apenas nos trabalhos domésticos e na criação dos filhos. A simples presença de uma mãe solteira na internet já causa incômodos por grupos antifeministas, tendo em vista que o ressentimento dos grupos opera contra essa mulher. Fazer grupos se ressentir contra outros é uma estratégia comumente usada na humanidade para o cometimento das maiores barbáries, como os ocorridos na segunda guerra contra os Judeus na Alemanha Nazista. O ressentimento é uma ótima ferramenta de cooptação e manipulação de afetos. (Miguel, 2023).

Opera também a ideia de que a pensão alimentícia seria cooptada pela mulher para benefício próprio, quando na verdade, a maior parte dos valores de pensão, pagos no Brasil, não são o suficiente para atender as necessidades básicas de uma criança. Os grupos selecionam apenas imagens que reforçam a teoria que defendem, sem possibilidade de verificação da veracidade e o contexto da publicação, o chamado pick and choose. É destacável que os administradores das páginas sabem que o ódio às mães solteiras vai gerar engajamento a partir das publicações. Há a punição da mãe solteira e a taxaço de um homem que se relaciona com ela, em função de essa mulher ter tido uma vida sexual, e não ter seguido o curso com o pai do filho. A responsabilização dessa mulher ocorre em um país onde uma grande quantidade de pessoas não tem o pai registrado na certidão de nascimento. A mãe que se sacrifica para cuidar da criança é estigmatizada e o pai que não assume o filho. (Miguel, 2023).

Visto que essas ações são coletivas, cabe a compressão desta organização. A forma como os grupos da redpill agem na internet são de forma coletivas não hierarquizadas de baixo pra cima. Conseqüentemente, trata-se de uma identidade coletiva estabelecida, apesar do anonimato quase completo ((Bovan & Mikašinović-Komšo, 2024). O anonimato é muito importante para os grupos da machosfera, sendo o Reddit um ambiente que permite a interação não moderada de forma anônima de forma muito mais intensa que em outras redes sociais, como Facebook, Twitter (Bovan & Mikašinović-Komšo, 2024). Além disso, tem-se uma visão negativa da democracia liberal e ódio contra grupos de esquerda, minorias, antissemitismo e racismo —

Ligação com a Ultradireita. Os grupos da Redpill têm como objetivo doutrinar a sociedade a rejeitar a lógica progressista que na visão deles impera sobre o mundo atual e aceitar uma nova ideologia que está vinculada às ideias da direita alternativa (Bovan & Mikašinović-Komšo, 2024).

A fim de demonstrar tal ação conjunta, no dia 24 de junho de 2021, grupos pertencentes ao fórum ataque dos *Forochoche* o fizeram um ataque massivo e coordenado, contra um formulário para denúncias do “Observatório Stop Machitroles” da Cátedra de Feminismos 4.0 da Universidade de Vigo, na Espanha. Nesse ataque ao Observatório, foi possível observar algumas categorias de mensagens que colocam o homem como vítima da sociedade feminista, mensagens de revolta contra o estado, mensagens de negação da existência da violência contra a mulher, comentários que questionam as habilidades técnicas das mulheres de fazer uso da internet e de tecnologias digitais e ataques à aparência física das mulheres que compõem a cátedra (Gómez-Suárez & Silva & Fernández-Cendón, 2024). O observatório disponibilizou um formulário para recolhimento de denúncias de violências de gênero no mundo digital e, após divulgação em portais locais, recebeu um bloqueio por acessos em massas vindo do portal *forochoche* (Gómez-Suárez & Silva & Fernández-Cendón, 2024).

O site *forochoche* foi criado em 18 de março de 2003 na Espanha e compõe a machosfera, sendo um ambiente utiliza estratégias de camuflagem por meio do humor sarcástico. O grupo também realizou ataques massivos contra a Universidade de Oviedo, em 2022, e o Ministério da Igualdade, em setembro de 2023, além de realizar o vazamento de dados privados (*Doxing*) de uma vítima de estupro. O grupo promove iniciativas que têm como objetivo disciplinar e condicionar o comportamento da mulher nos espaços digitais, além de promover estratégias para se opor aos avanços do feminismo, usando da misoginia e do machismo. Conseguem atingir esses fins fazendo uso de uma retórica legitimada por uma suposta liberdade de expressão (Gómez-Suárez & Silva & Fernández-Cendón, 2024).

Nessa lógica de suposta liberdade de expressão, ainda se pensando o uso dos memes, foi observado por Zabalgoitia (2022), quatro categorias de memes nas páginas mexicanas, sendo: (I) homens domados, que seria o homem objetificado, ocupando o papel que historicamente sempre pertenceu à mulher; (II) o seguidor cancelado, que apoia os ideais da machosfera contudo tem medo de manifestar isso publicamente, pois ele perdeu a possibilidade de mostrar

seu verdadeiro eu no meio social; (III) a dupla condição de marginalidade do homem beta, isso se diz que qualquer caminho que ele tome, apoiando o feminismo ou o conservadorismo, a mulher será beneficiada em detrimento dele — as mulheres vão procurar os homens alfa para casar e fazer sexo, já o beta serve pra que essa mulher o explore, obtendo vantagens financeiras e de serviços. Já o (IV) são homens virgens e consumidores de profissionais do sexo, essa ideia de que por culpa do feminismo os homens betas, que são 80% dos homens, não tem acesso ao corpo das mulheres e pode isso tem que recorrer a profissionais do sexo (Zabalgoitia, 2022).

2.4.3 Violências e a Machosfera

A Pandemia de COVID-19 levou a um aumento dos números da violência doméstica em diversos lugares do mundo, pelas restrições impostas, que fizeram com que as famílias ficassem mais em casa. Nesse contexto, além das violências praticadas no mundo físico, as velhas posturas subjetivas de masculinidade que se manifestaram também no mundo digital. Isso se dá também pelo fato de as escolas e universidades terem aderido às aulas online durante a pandemia fizeram com que os jovens passassem a ter a internet como espaço de socialização (Zabalgoitia, 2022). Em função desse cenário, aumentou-se a Ciberviolência, caracterizada por atitudes como a divulgação de dados pessoais, ameaças sob a forma de assédio e perseguição, difamação e danos à imagem, assédio direto, ataques massivos a páginas feministas e invasão de contas de pessoas e grupos, tudo isso com o objetivo de manter a ordem masculina como hegemônica nos meios digitais (Zabalgoitia, 2022).

As formas de violências são englobadas em física, psicológica, sexual, econômica, social, simbólica, ocorrem tanto online quanto offline. A violência no meio digital pode ocorrer de duas formas, tanto uma continuação de uma violência que já ocorre no mundo offline, quanto uma violência que tem como meio de ocorrência, o mundo online. Além disso, as mulheres mais jovens são as que sofrem violência sexual online, uma vez que 58% das meninas e adolescentes já sofreram algum tipo de violência digital. Entre as ações das violências digitais pode-se citar o Ciberassédio (*cyberstalking* — prática que inclui formas de assédio repetitivo por meio das tecnologias de informação — ou *cyberbullying*), o cibercontrole, a sextorsão, o *sexting* sem consentimento ou o *flaming*, entre outros (Valcárcel & Fernández & Triviño, 2024).

O agente da ciberviolência pode ser um homem conhecido (contexto de namoro, em função de ciúmes ou controle da parceira ou ex-parceira) ou desconhecido. As formas de violência no meio digital, mais comuns, por gênero, são, para as mulheres: receber insultos pelo corpo, ser criticada por defender ideias feministas, ser insultada pela vida sexual e receber conteúdo sexual. Para os homens são: receber conteúdo sexual, ter o celular revistado pela parceira e ter a parceira tentando controlar o uso das redes sociais (Valcárcel & Fernández & Triviño, 2024).

A violência no ambiente digital possui relação direta no mundo real, atores de casos de violência doméstica e terrorismo de ator solitário possuem ligação com a machosfera. Dentro da machosfera, os atos de terrorismo são vistos como ações revolucionárias contra o sistema que privilegia a mulher, uma vez que a sociedade foi feminilizada pelas mudanças trazidas pelo feminismo. Além disso, os grupos que pregam a supremacia masculina funcionam também como uma porta de entrada para grupos supremacistas brancos e outros radicalismos (Nicholas & Clark & Agius & Cook, 2024). A relação da machosfera com os casos de violência doméstica podem ser percebidos pelos relatos de início ou escalonamento da violência dentro do relacionamento após o contato com a machosfera. Ideias da machosfera tornaram-se comuns na comunicação de homens que praticavam violência doméstica. Entre essas ideias destacam-se presença de uma dimensão afetiva compartilhada com a machosfera e a sensação de vitimização, pautadas com as ideias conspiratórias de uma sociedade que funcionava contra os homens, justificada por desinformações (Nicholas & Clark & Agius & Cook, 2024).

2.5 SUBGRUPOS DA MACHOSFERA

2.5.1 INCELS

Os grupos INCELS começaram nos anos 90 com a criação de um blog para pessoas com dificuldade de relacionamento que buscavam acolhimento online, composto tanto por homens quanto mulheres. Nos anos 2000, o blog é dividido em *IncelSupport*, onde a lógica de acolhimento inicial continuou e o *Loveshy*, blog que baniou a presença de mulheres, se tornou um ambiente de misoginia e discurso de ódio sem nenhuma moderação. O *loveshy* desembocou em uma série de chans nos quais o discurso de ódio, racismo e misoginia passaram a imperar.

Os fóruns de INCELS funcionam como espaços de recrutamento de jovens que acreditam serem inadequados. Nesses ambientes imperam a ideologia de que as mulheres dominam o mercado sexual e que os INCELS não têm acesso ao sexo por devido a essa subjugação. Desse modo, as mulheres tornam-se o principal elemento de ódio e ressentimento desse grupo (Amato & Miguel, 2024). Os INCELS vão selecionar as mulheres como o inimigo principal e vão tratar uma ideia de mercado sexual onde os Chads e os Alfas — homens que possuem o monopólio das relações sexuais, por serem destacados e respeitados pelas mulheres, tendo os atributos necessários para seduzi-las — em detrimento dos Betas — homens de segunda classe, sendo rejeitados pelas mulheres, por suas características, vistos como fracos e submissos — estão com maiores chances de se envolver sexualmente com mulheres (Farias, 2023). Assim indivíduo que se identifica como um INCEL tentará se tornar um homem com os atributos que julgam serem necessários para ser aceito. Desse modo, uma das ferramentas de aceitação é a violência, que pode vir a ser praticada contra as mulheres, contra os Alfas, e esse discurso de ódio é disseminado pelos grupos INCELS é vestido com uma roupagem de liberdade de expressão (Amato & Miguel, 2024).

A lógica dos INCELS também passa por cinco elementos: (I) a maldade feminina, (II) a crença em uma masculinidade oprimida, (III) a exaltação e desejo dos papéis de gênero tradicionais dos homens, (IV) a sociedade sendo vista como um mercado sexual e (V) a atuação da violência para justificar a necessidade de contornar os obstáculos enfrentados pelos homens. Essa situação de auto rejeição dos INCELS, desemboca em atitudes de extrema violência, levando até mesmo a atentados, como ocorrido em Isla Vista, sendo o autor do atentado visto como um homem *sancto* pela comunidade INCEL até os dias atuais — tendo o seu manifesto repercutido nos fóruns (Farias, 2023). Os grupos INCELS brasileiros foram estimulados num primeiro momento pelos canais internacionais da machosfera, mas que com o passar do tempo, foram se subdividindo em grupos com reivindicações específicas, como a subcategoria da machosfera INCEL. No Brasil, destacam-se os grupos: *Guerreiros da real*, *Homens de bem*, *Homens Sanctos* (grupo que idolatram assassinos e terroristas INCELS como Elliot Rodger e Alek Minassian), *Fórum do búfalo* e o *Dogolachan* (fórum frequentado pelos agentes do massacre de Suzano, que até hoje são idolatrados como heróis pela comunidade INCEL) (Amato & Miguel, 2024).

2.3.2 MGTOW

A ideia de seguir o próprio caminho é base fundamental de um dos grupos da Redpill denominados MGTOW — Men goes the own way — ou homens que seguem o próprio caminho. Esses homens acreditam que não há benefícios e segurança ao estabelecer uma relação fixa com uma mulher, por conta de todos esses privilégios femininos pregados pela Redpill. Assim sendo eles vão procurar ter apenas relações sexuais casuais, encontros com profissionais do sexo ou até mesmo apenas a masturbação, dependendo do estágio que se encontram. Para eles, é a noção de se no passado o homem era dono da mulher e dos seus filhos, e o casamento garantia essa propriedade, atualmente o homem que não pode ter mais uma mulher como sua serva, ele vai tentar ser dono de si mesmo, carregando uma ideia de auto posse como uma liberdade masculina.

O MGTOW pode ser pensado em 4 estágios, sendo o estágio 0 — a aceitação da perspectiva redpill —, o estágio 1 — a rejeição aos relacionamentos de longo prazo —, o estágio 2 — a negação de relacionamentos de curto prazo e casuais —, o estágio 3 — um desengajamento econômico das mulheres (não procurar garotas de programa para relações sexuais pagas) — e o último um desengajamento social — onde esse homem se recusa a interagir com uma sociedade contaminada pelo feminismo. Além disso, os MGTOW são ligados também com a ideia do culto ao desempenho, que passa por uma tentativa constante de autodesenvolvimento, autodisciplina e autoconhecimento. O homem se torna um gestor de si mesmo, em uma busca por desempenho e se tornar um empreendimento de sucesso, ideia muito ligada ao neoliberalismo, com elementos como a autogestão, individualismo, meritocracia. Dessa lógica de autoaprimoramento, surge o arquétipo do homem de sucesso, aquele que através do seu esforço consegue atingir as metas traçadas e se desenvolver (Daudt & Valiati & Conte, 2024).

2.3.3 PUAs

A subcultura PUA (pick-up artist) se pauta em um ordenamento de um novo contrato sexual que se baseia na hipergamia feminina, na qual as mulheres sempre buscarão parceiros com um status social superior. Os homens seriam então classificados em arquétipos, havendo uma hierarquia entre eles, sendo os piores a base da pirâmide, portanto, as maiores vítimas desse novo modelo de contrato sexual. Além disso, há uma normalização do assédio, tomando-o como uma estratégia do jogo de sedução (García-Mingo & Diaz-Fernández & Tomás-Forte, 2022).

A lógica dos PUAs é que, subir os degraus dessa pirâmide por meio da astúcia e da enganação, se especializando na arte de jogar o suposto jogo da sedução. Desse modo, a resposta negativa da mulher a sua abordagem é um indicativo de que este não está jogando corretamente e dever-se-ia insistir em novas formulações desse jogo até que a mulher aceite a relação. Nesse sentido, essa dinâmica distorce os limites do assédio, abuso e até estupro (García-Mingo & Díaz-Fernández & Tomás-Forte, 2022).

Um dos maiores proeminentes representantes do que seria um PUA, pode-se destacar o canal do youtuber Mr. Mistérios, onde o mesmo classifica homens e mulheres em níveis de atratividade de 1 a 10, onde a classificação das mulheres é ponderada apenas pelas características físicas e os homens incluem elementos mais complexos, como personalidade, status social e sucesso financeiro. Nesse sentido, dentro dessa escala, os homens alfas são aqueles com as maiores notas e os betas com as menores notas (Barreiro, 2024).

Tomando em conta toda essa classificação, Mr. Mistérios afirmam que as mulheres são hipergâmicas, numa explicação evolucionista e biologizante dos comportamentos humanos. Ele afirma que naturalmente as mulheres sempre escolheriam os homens mais bem classificados nessa escala de 1 a 10 — para engravidar dos portadores dos melhores genes e das melhores condições. Enquanto a mulher jamais se relacionaria com um homem de status inferior ao dela, os homens seriam menos exigentes e se relacionaram sexualmente com mulheres com status inferior ao deles (Barreiro, 2024).

Desse modo, a maioria das mulheres se relacionavam apenas com 30% dos homens mais bem posicionados na escala de valor, sendo que os outros 70% teriam dificuldade para encontrar uma parceira. A valorização da mulher, na visão do Mr. Mistérios, seria algo ruim, que prejudicaria essa lógica, pois faria com que as mulheres cada vez mais tivessem dificuldade de encontrar um homem inferior a elas e os homens da base da pirâmide nunca encontrariam alguém. O ponto é que essa visão trata as mulheres apenas como objetos e, por isso, a aparência seria o único fator de avaliação dessa escala que aponta a escolha feminina (Barreiro, 2024).

2.3.4 MRAs

A subcultura MRA (Men's Right Activists) nasce após a primeira onda de feminismo dos anos 60/70 nos desacordos sobre pagamentos de pensões alimentícias e as disputas pela guarda dos filhos em contextos de divórcio. São o único grupo que atua abertamente no mundo físico, nos tribunais, em grupos de pressão e com políticos de direita (Lacalle, 2023). No seu início, o grupo focou-se nas questões de direito à guarda paterna dos filhos e, com o passar do tempo, deslocou-se para questões de cunho sexual.

As principais ideias dos MRAs estão pautadas em quatro eixos. O primeiro eixo é a noção de que a violência doméstica seria neutra, em termos de gênero — tanto homens quanto mulheres possuem o mesmo risco de sofrer violência doméstica. O segundo eixo é que o movimento feminista estaria invisibilizando os casos de violências contra os homens. O terceiro aponta que as falsas acusações seriam muito comuns nos casos de estupro. E o quarto eixo reforça a ideia de que a ‘cultura do estupro’ seria um tipo de pânico moral criado pelas feministas (Gotell & Dutton, 2016).

Em conclusão, os MRAs reforçam o papel do homem como uma vítima da sociedade progressista — reforçando e destacando casos de falsas acusações, homens que foram alvos de violência doméstica e pais que lutam pela guarda dos filhos. Os MRAs também destacam casos de violência sexual contra homens, em contextos de guerra ou a própria circuncisão masculina, e, também, colocam que a noção de ‘cultura do estupro’ seria um pânico moral criado pelas feministas, conforme citado acima. Além disso, coloca a ideia de que a violência é pautada em várias esferas, mas o gênero não é uma variável importante (García-Mínguez & Díaz-Fernández & Tomás-Forte, 2022).

O MRA se colocou como um contramovimento à uma série de denúncias de violência sexual contra famosos e pessoas de relevância social. Nessa série, muitos casos de violência sexual foram expostos e apontados como fenômeno estrutural, nomeado de Cultura do Estupro, pois o objetivo é apontar a constância de casos de violência sexual que são amenizadas por uma sociedade que normalizou atos de invasão ao corpo feminino. Todavia, os MRA têm sua esfera de atuação muito centrada no estado, se valendo de argumentos em torno de igualdade formal. A ideia é que a partir da observação das leis supostamente eram usadas pelas feministas para atacar a masculinidade ou a estrutura masculina e apontar que há homens que também são

estuprados. Ou seja, é ignorado qualquer forma de assimetria de gênero dentro da sociedade a partir de uma lógica de equivalência que não corresponde à realidade social (Gotell & Dutton, 2016).

Num momento posterior, o grupo passa a atuar com foco voltado para a internet, utilizando a luta por vias culturais, da mesma forma como foi feito com o movimento feminista, mostrando um espelhamento de atuação de forma reacionária ao feminismo. No movimento feminista, a campanha de marketing “Don’t be THAT Guy” foi direcionada aos homens com o objetivo de prevenir a violência sexual. A ideia da campanha é mostrar situações que muitas vezes eram usadas como desculpas pra se defender de uma acusação de violência sexual e mostrar que “Você não quer ser aquele cara” ou “That Guy” se pautando o fato de relacionamento sexual necessitar um consentimento ativo. Diante disso, em 2013, o grupo Men’s Rights Edmonton (MRE), cria a campanha “Don't be That girl”, onde se explora as falsas acusações como ferramenta usada por “aquelas garotas que você não quer ser”, para se usar como desculpa por ter se arrependido de ter se relacionando com algum cara e que falsas acusações seriam crime (Gotell & Dutton, 2016).

O movimento feminista, ao lutar contra o estupro, enfrenta diversos movimentos contrários que buscam colocar a responsabilidade da violência sexual nas próprias mulheres — o que chamamos de “culpabilização da vítima”. Segundo essa lógica, espera-se que as mulheres adotem uma série de comportamentos específicos para evitar a violência, enquanto não se estabelece nenhum tipo de regra ou expectativa de comportamento para os homens. Ou seja, a responsabilidade recai sobre a mulher, enquanto os homens ficam isentos de qualquer controle ou cobrança (Gotell & Dutton, 2016).

2.3.5. Influences

Ideia de misoginia baseada no apontamento de supostas evidências ou fatos é uma estratégia usada pelos grupos da machosfera para radicalizar e mobilizar seus membros. São mobilizadas uma série de estatísticas, estudos, notícias para apoiar visões essencialistas e polarizadas sobre as dinâmicas de gênero na nossa sociedade ocidental moderna. Assim, cria-se, por meio do argumento de autoridade científica, uma sensação de validação dos argumentos evidenciados

pelo grupo. No entanto, os dados servem a uma narrativa estática do grupo e dizem o contrário da literatura acadêmica vigente, pois têm uma intenção de ser alternativa paralela aos conhecimentos científicos consolidados, servindo à lógica da machosfera. Além disso, aponta-se que a misoginia baseada em evidência funciona como um conector entre as ideologias da machosfera, pois os discursos conservadores reforçam a estrutura patriarcal de dominação, além dos discursos de extrema direita, na medida que se cria uma lógica de nós contra eles, com o ódio e violência (Rothermel, 2023).

A ciência e os conhecimentos produzidos sobre gênero se tornam a falsa verdade que a machosfera quer combater. Os verdadeiros conhecimentos sobre gênero serão, dentro dessa perspectiva, os conhecimentos alternativos produzidos dentro da machosfera. Para parecer um conhecimento respaldado, os grupos redpill apresentam os dados de formas semelhantes aos dados científicos. Uma parte das informações divulgadas é realmente verdadeira, mas exposta de uma forma a se criar uma falácia sobre um tema maior. Usa-se a descontextualização dos dados e a criação de falsas equivalências para justificar as ideias da Redpill (Rothermel, 2023).

Conforme apresentado, a narrativa de evidenciação da realidade escondida ou alterada permite que a machosfera dê a seus membros identidade, rotinas compartilhadas e laços comunitários a homens que têm essa insegurança manifestada. A teoria da Redpill e essa integração social na machosfera, confere a segurança ontológica que esses homens tanto necessitam. É possível pensar em uma crise da masculinidade, mas não tomando os movimentos feministas como a sua causa, porém sim o neoliberalismo, precarização dos empregos, burnout, dificuldades com questões habitacionais e outros fatores que geram uma insegurança aos homens — e tampouco a Teoria da Redpill que corrigirá esses fatores (Bujalka & Rich & Bender, 2022).

Portanto, os líderes da machosfera se colocam dentro desse contexto usando ferramentas como: (I) A indicação do problema — a exploração de todos os elementos da teoria da redpill para criar uma sensação de descoberta da verdade, que os homens são vítimas das mulheres e do feminismo cultural; e (II) a solução do problema — a ideia de assumir o controle de suas vidas e ser um homem bem-sucedido, tanto financeiramente, quanto nos seus relacionamentos. Nesse sentido, os conteúdos carregados de valores de autoajuda. São ações de cunho neoliberal — ser empreendedor de si mesmo, se tornar um homem de sucesso — para solucionar um problema causado pelo neoliberalismo (Bujalka & Rich & Bender, 2022).

Usam-se de títulos e chamadas que causam sensações de insegurança e a estratégia de obter recursos materiais, a partir dessa insegurança, a venda de livros, ebooks, mentorias de como lidar com toda essa insegurança. Assim, torna-se um ciclo, no qual o homem se sente inseguro, compra os conteúdos, entretanto carregam um elemento de constante vigilância para não retroceder as ideias progressistas e voltar a ser manipulado pelas mulheres. Desse modo, sempre será possível extrair recursos desses homens (Bujalka & Rich & Bender, 2022).

No verão de 2022, Andrew Tate virou preocupação para os pais dos jovens por conta dos seus discursos sexistas e misóginos. Tate prega dominação masculina e explora o medo dos adolescentes sobre o futuro financeiro e sua posição de dominação, de modo a ser a figura que tem as soluções para as aflições desses jovens. Para isso, mobiliza a masculinidade tóxica como ferramenta para a construção da masculinidade desses jovens que estão resistindo, reproduzindo e negociando os conteúdos dele (Haslop & Ringrose & Cambazoglu & Milne, 2024).

Tate teve suas contas banidas YouTube, TikTok, Facebook e Instagram, ainda continua aparecendo em diversas plataformas, como *edits* de fãs no TikTok e cortes de sua prisão na Romênia por estupro e tráfico. Mesmo preso e banido, Andrew Tate afeta a comunidade de jovens com as suas ideologias misóginas. A ideia de moeda homosocial e o seu papel na sustentação da masculinidade hegemônica, que promove assédio, violência de gênero e violência sexual. O mundo online fornece as ferramentas necessárias, como o anonimato, visibilidade, câmaras de eco na cristalização da misoginia e ativismos anti-feministas no mundo digital (Haslop & Ringrose & Cambazoglu & Milne, 2024).

Esse é apenas um dentre os grandes influenciadores da machosfera constroem uma percepção de ameaça e insegurança no seu público, os quais, em contrapartida, oferecem uma solução para essas supostas ameaças. Operam-se assim, ciclos simbióticos de segurança e insegurança ontológica, de modo a ser possível extrair recursos materiais, sociais e políticos do seu público. A descontinuidade da masculinidade é um fator para assustar os homens. A ideia de uma crise da masculinidade onde o mundo está mudando e, se tornando pior para os homens, sendo as mulheres cada vez mais privilegiadas, é chave para o uso disso como capital por líderes de grupos da Machosfera (Bujalka & Rich & Bender, 2022).

Influenciadores como Andrew Tate, não ganham apenas dinheiro radicalizando o discurso, entretanto ganham também atenção e formas de capital afetivo e digital. A autenticidade é um

fator importantíssimo para obter atenção e se estabelecer como figura importante dentro da machosfera. Jordan Peterson, por exemplo, se estabelece como um importante pensador da machosfera por trazer de forma autêntica uma espécie de validação por meio da intelectualidade acadêmica, mas usa a psicologia evolucionista para disseminar essencialismos de gênero e misoginia. Figuras desse tipo usam da suposta autenticidade e da autoridade na forma de expor soluções, para conquistar a economia afetiva digital, ou as moedas homosociais, sendo a homosocialidade, os espaços de reforço da masculinidade hegemônica (Haslop & Ringrose & Cambazoglu & Milne, 2024).

O medo de falhar como homem, cria uma moeda homosocial afetiva e complexa entre os homens, onde a intimidade vai ser criada através da misoginia e os ataques às mulheres. Tate vai usar a ideia de que os homens são naturalmente dominantes, as mulheres devem ser subservientes e obedientes aos homens. Além disso, reforça a noção de homens como vítimas, também um ressentimento pelas mulheres, a fim de gerar as emoções dos jovens e se conectar com eles, através do medo — de ser um homem fracassado, de não ter sucesso financeiro e do humor, por seu jeito autêntico e descontraído de falar, conseguindo despertar a afetividade pelo reforço da masculinidade hegemônica (Haslop & Ringrose & Cambazoglu & Milne, 2024)

2.3.6 Comunidade Gamer

Uma categoria importante da machosfera são os gamers, principalmente no Brasil, por conta de sua relação com o presidente Jair Messias Bolsonaro. O universo gamer é orientado pelo liberalismo econômico, ódio aos impostos que aumentam o valor dos jogos e o presidente Bolsonaro soube explorar bem essa demanda, acenou para a comunidade com *twitters* e reduziu impostos nos games. O site *Outer Space* é uma comunidade gamer na qual há um espaço para discussões, uma espécie de fórum, onde surgiu uma postagem sobre o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Por meio dessa postagem é possível observar que na comunidade gamer existem 4 tipos de visões sobre o bolsonarismo. São elas: (I) os que defendem o presidente pautados pela moral — trazendo ideias de resistência as pressões do feminismo e da esquerda —, (II) o homem racional de direita — que se apoiam numa ideia de racionalidade masculina trazendo a ideia de que ser bolsonarista seria uma escolha lógica diante das opções —, (III) o bolsonaristas legitimado pelo conhecimento — usa falas rebuscadas, ar de intelectualidade, mas

se apoia em pseudociências, generalismos, notícias falsas e intimidação para o convencimento — e (IV) o opositor sem partido — que não apoia o bolsonarismo, mas também não se posiciona como uma oposição clara (Velho & Henn, 2024)

É importante destacar que o bolsonarismo usa de elementos de meme, da zoeira, da trollagem que é muito presente no mundo dos gamers — zoeiras que não deixam de ser uma forma de marcar a sua posição de superioridade masculina. Além disso, a comunidade gamer é um ambiente hegemonicamente masculino, espaço seguro de convivência masculina que não aceita a presença de mulheres e, somado ao fato de que para a comunidade, os jogos não são coisa de mulher. Essa repulsa ao feminino nesses espaços acabou levando ao #gamegate, uma teoria da conspiração de que o mercado dos games estaria privilegiando as mulheres nesses espaços, por uma série de fatores preconceituosos e misóginos (Velho & Henn, 2024).

2.6 ENTRADAS E SAÍDAS: CRÍTICAS E COMPREENSÃO

A vulnerabilidade de homens que encontram dificuldades no relacionamento, fracassos em namoro, falta de experiência sexual, relações problemáticas com pais abusivos, *bullying*, solidão ou dificuldades na vida, podem ser um fator para que estes se vinculem a grupos da machosfera. O contato, e posterior entrada, pode ocorrer em função de um acesso aleatório por conta do algoritmo das redes ou por uma busca por resolver algum desses problemas de vulnerabilidade que acaba por tornar a machosfera conhecida por esse indivíduo (Botto & Gottzén, 2023). Muitas pessoas entram para grupos extremistas sem adotar todas as crenças e práticas do grupo. Podem se desradicalizar e continuar em contato com o grupo, no entanto, também, podem se afastar do grupo e ainda continuar acreditando nos ideais dele. Por conta disso, as formas como as pessoas deixam os grupos da machosfera se dão por diferentes meios. Alguns indivíduos se colocam como tendo sido manipulados e outros sentem raiva por terem sido enganadas pela redpill, outros saem dos grupos da machosfera, contudo, tampouco abandonam totalmente a teoria da redpill (Botto & Gottzén, 2023).

A migração entre os diferentes grupos da machosfera pode indicar uma radicalização. Indivíduos que frequentavam fóruns de PUA foram aderindo de forma mais extrema a redpill até se tornarem MGTOW. À medida que os INCeLs buscavam identidade, comunidade, proteção e excitação nos fóruns, a sua solidão se transformou em raiva, por conta dos conteúdos presentes no meio. Esses jovens não têm as características da masculinidade hegemônica e

veem na violência uma forma de se tornarem homens de verdade. Com relação à saída, um dos fatores para abandonar os grupos da machosfera é o fato dos homens perceberem que o contato com esse ambiente não estava resolvendo os seus problemas ou estava piorando a suas vidas, aumentando sua solidão e causando problemas de saúde mental, além de causar problemas nos seus relacionamentos. Fatores como a quebra das bases da teoria da redpill na experiência de vida ou o questionamento das bases científicas desta forma de pensamento, vão fazendo com que os jovens vão cuspiendo a redpill (Botto & Gottzén, 2023).

Nesse sentido, deve ser feita uma problematização de como os grandes veículos de mídia noticiam as atitudes dos jovens. Os jovens são tratados como se fossem a única fonte de misoginia, porém não se trata da mesma forma as violências de gênero praticada por homens mais velhos. Essa ausência de separação e clareza analítica pode dificultar a compreensão dos fenômenos relacionados a violência de gênero nos meios digitais. A mídia coloca em destaque os casos de misoginia praticados por jovens com uma tendência generalizadora e ignorando que a maioria dos jovens rejeitam esse estigma (Ontivero, 2023).

Ainda sobre esses homens jovens, diante de uma sociedade sem perspectivas de um futuro, cenário de constantes crises econômicas, não se pode ignorar os efeitos que isso traz para a insatisfação dos jovens sobre o cenário econômico global. O antifeminismo não é apenas uma forma de reação aos avanços do feminismo, mas sim um dos sintomas de um estado de mal-estar social geral. Esses jovens podem estar sendo cooptados pela ultradireita de modo a elencar as mulheres como causa dos males da sua vida, ao invés de entenderem que o contexto do capitalismo é a causa disso (Ontivero, 2023).

Thorburn (2023) faz um estudo baseado em dois grupos de pessoas que seriam da machosfera, o no subreddit *r/exredpill* e o *r/incelexit*. Os grupos são compostos por mulheres, terapeutas, ex-incels, ex-redpillers que superaram a crença nos pensamentos dos sub-grupos da machosfera — pessoas que tiveram contato com a machosfera e não se convenceram pelas ideias lá presentes — além de pessoas sem ligação com a machosfera que apenas estão nos subreddits para criticar esses grupos. Dentro dos grupos, pela dinâmica própria do Reddit, de Downvotes e upvotes, pessoas com posicionamentos favoráveis à machosfera, muitas vezes não eram acolhidas e, às vezes eram desprezadas, recebendo muitos *upvotes* dentro do grupo. Nos grupos era possível ver os motivos pelos quais os homens foram seguir os caminhos da redpill. Um dos

mais citados era a busca por compreender por que sofreram decepções na área amorosa (Thorburn, 2023).

Outro tema importante destacado nos grupos é o sentimento de inadequação masculina, por não performarem ou terem os requisitos para ser um homem alfa. Entre os relatos, a maioria era feita por pessoas jovens, contando experiências ocorridas no ensino médio e no início da faculdade — momento em que ainda não teriam vivências suficientes para desacreditar que as ideias pregadas na machosfera não correspondem à realidade. Uma postagem do grupo mostra um jovem que sente vergonha por ter atração sexual por mulheres, tanto por questões religiosas, quanto por consumo de conteúdo anti-misoginia online. O jovem se sentia injustamente marginalizado e quase se convenceu de que a Redpill estava certa, por não achar uma saída para lidar com suas questões (Thorburn, 2023).

Esse exemplo se contrapõe à ideia de que o sentimento de direito masculino lesado como única forma de aderir às ideias da machosfera. Na medida em que se coloca uma série de outras variáveis como a autoimagem distorcida, insegurança, falta de integração social ajudam de maneira mais relevante para explicar a machosfera. O sentimento de direito masculino lesado passa pelo uso da violência para atacar o inimigo causador desse sentimento. Sente-se que se tem o direito de infringir de alguma maneira, uma dor as pessoas que supostamente são causadoras da dor que se sente e, por isso, acontecem os casos de *schoolshooters* e outros atentados. Isso se apoia em certo ponto na ideia da black pill, que passa por aceitar que não se tem as características físicas para ser atraente para as mulheres, então o que esses rapazes fazem é desistir de tentar se relacionar em função dessa crença (Thorburn, 2023).

O caso Robert Long, 2021, que matou oito pessoas, sendo a maioria mulheres de origem asiática, indo de uma casa de massagem a outra. O objetivo desse ataque, na sua narrativa, era eliminar as fontes que lhe causavam tentação. Não é somente um direito frustrado sobre uma mulher que é a causa de se atrair pela Redpill, mas uma autoimagem negativa também pode levar a esse caminho (Thorburn, 2023).

Um dos caminhos da desradicalização passava pela percepção de que a assimilação da Redpill estava prejudicando a si mesmo e as pessoas ao seu redor. Um outro caminho era o amadurecimento natural com o passar dos anos, onde as experiências vividas fazem os homens questionarem a veracidade do que é pregado na teoria da Redpill. Além disso, o convívio com

amizades femininas é um fator, como que um antídoto para o veneno da misoginia online, uma vez que nessa convivência é possível perceber que o arquétipo criado em torno de uma mulher maléfica, manipuladora, interesseira não é uma verdade (Thorburn, 2023).

3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

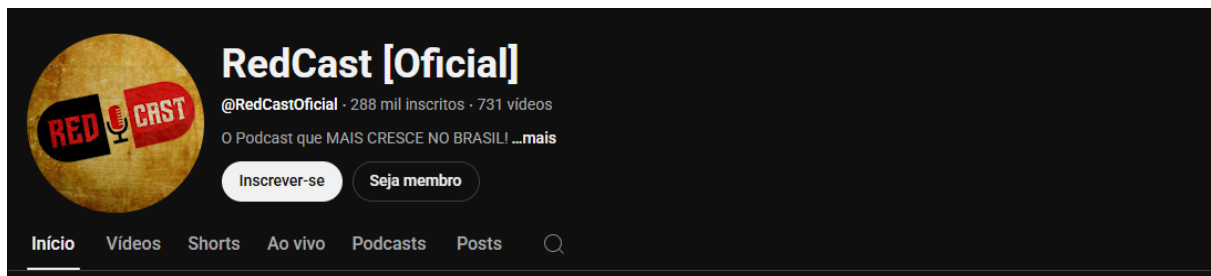
3.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo descreve os procedimentos metodológicos empregados na análise das entrevistas do podcast RedCast com o objetivo de compreender as representações, discursos e sentidos construídos dos principais atores sociais da machosfera brasileira. Adotou-se uma abordagem qualitativa, por permitir a exploração aprofundada de significados e padrões discursivos. Além disso, optou-se pela análise textual com o software Voyant Tools por permitir trabalhar com toda a base de dados escritos e permitir uma análise sistemática de todo o conteúdo escolhido para analisar o RedCast.

3.2 OBJETO DE PESQUISA – O REDCAST

O canal RedCast Oficial, criado em 24 dezembro de 2021, na plataforma YouTube, tem se destacado como um dos podcasts audiovisuais em ascensão no cenário brasileiro. Com aproximadamente 287 mil inscritos e mais de 34 milhões de visualizações acumuladas, o canal conta com cerca de 730 vídeos publicados até o momento. O RedCast Oficial é um podcast brasileiro que foi escolhido como objeto de estudo por conta do seu alcance entre os homens brasileiros e o seu impacto crescente nas redes. Fundado por Junior Masters, que se diz especialista em comportamento humano e atração sexual e possui o canal ‘Submundo intelectual’, e Miguel Moreira, influenciador ligado ao movimento Redpill e dono do canal ‘Atitude avançada’, o programa se apresenta como "O Podcast que MAIS CRESCE NO BRASIL!". A ideia proposta pelos criadores do canal é discutir temas ligados à masculinidade, aos relacionamentos e ao comportamento social contemporâneo, buscando promover conversas com os principais atores da ‘Redpill’ brasileira. A escolha do RedCast se justifica por ser um espaço amplamente frequentado por diversos atores da chamada "machosfera" brasileira, o que o torna um ambiente privilegiado para analisar os principais temas discutidos pelos diversos atores sociais deste ambiente de socialização. Isso permite observar como diferentes segmentos da machosfera se articulam em torno da teoria da redpill, identificando suas semelhanças, divergências e formas de interação.

Imagem 5 – Canal RedCast



Fonte: Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@RedCastOficial>.

Imagem 6 – Informações do Canal



Fonte: Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@RedCastOficial>.

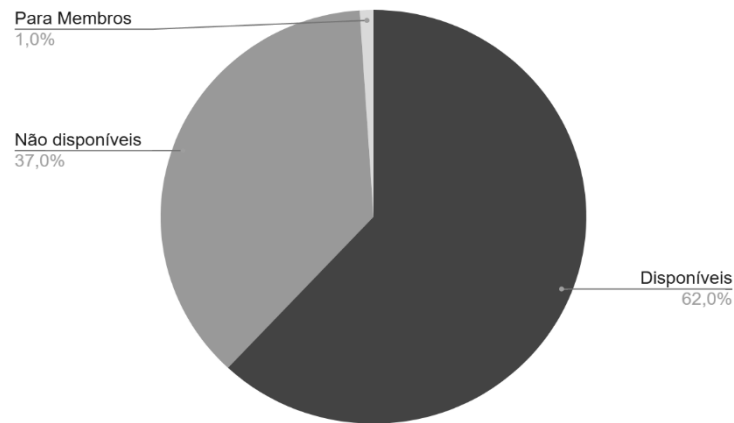
O uso do Youtube se justifica pela importância que a rede social tem dentro do contexto brasileiro. De acordo com a Forbes Brasil (2023), o YouTube, criado em 2005 e disponível em mais de 100 países, é a segunda plataforma mais acessada do mundo, com cerca de 2 bilhões de usuários ativos mensais. No Brasil, o YouTube ocupa uma posição de destaque, sendo o

terceiro país com o maior número de usuários da plataforma em 2023, com aproximadamente 142 milhões de brasileiros acessando a plataforma somente no primeiro mês do ano. Esses dados refletem a popularidade crescente do YouTube no país, consolidando-o como um espaço crucial para o consumo de conteúdo audiovisual, com uma ampla adesão de usuários tanto para entretenimento quanto para aprendizado. Esse comportamento se alinha ao contexto global, onde países como a Índia e os Estados Unidos também figuram entre os maiores consumidores da plataforma, com 467 milhões e 245 milhões de usuários ativos, respectivamente.

3.3 COLETA DOS DADOS

Tomaremos como *corpus* analítico todos os episódios do Redcast que estiverem no ar, até o episódio de número 192. Essa escolha se dá em função da saída do host Miguel, onde o podcast passa por uma mudança na proposta, com um formato de convidado co-host, uma série de novos quadros, game shows, convidados que não são tão ligados com a Teoria da Redpill. Há sim uma série de episódios que poderiam ser explorados por esse trabalho, mas seria inviável pela questão da dificuldade de demarcação de quais seriam inseridos ou não, podendo se tomar um critério não objetivo para a seleção. A base de dados dos episódios foi organizada em uma planilha contendo todos os 192 episódios, onde foi colocado um campo para o título do episódio, a descrição das palavras mais frequentes, e um arquivo de texto separado com a transcrição automática do episódio. Para capturar o texto dos episódios que estavam no ar, na plataforma do YouTube foi utilizado o plugin “*Seek subtitles for YouTube*”, que nos permitiu coletar todas as legendas dos podcasts que estavam no ar. A organização dos dados se deu em uma planilha com as informações do ‘Título do episódio’, raça/cor e gênero do(s) convidado(s). Além disso, uma marcação se os episódios estavam disponíveis ou não. A partir dessa tabela construímos um panorama geral das principais sobre o contexto do RedCast, entre dezembro de 2021 e março de 2024. Dos 192 programas referentes ao período, onde o RedCast tinha oficialmente como anfitriões os dois que iniciaram o programa, observamos que 119 dos episódios ainda estão no ar, enquanto 71 não estão mais disponíveis e 2 estão disponíveis somente para membros do canal. É importante destacar que dos 100 primeiros episódios, 57 foram removidos, e, após o episódio, 100 apenas 14 episódios foram removidos, o que demonstra uma mudança no comportamento que ou foge às regras da plataforma onde foram produzidas ou causam algum conflito que leva a exclusão do mesmo pelos donos do canal, seja por alguma polêmica causada ou por solicitação do convidado.

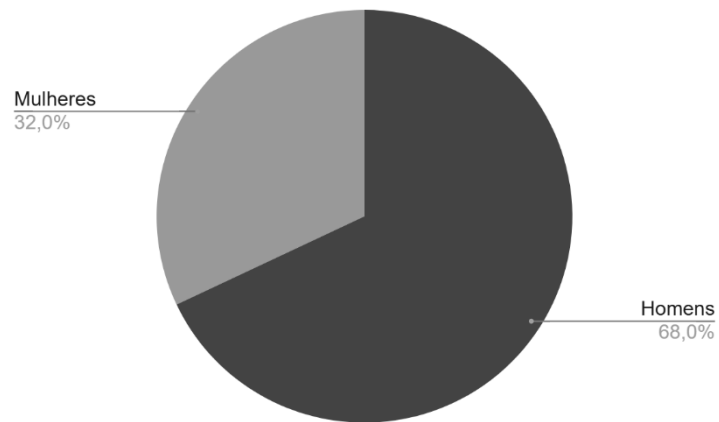
Gráfico 1 – Disponibilidade de episódios



Fonte: Elaboração do autor – Coletado YouTube.

Com relação à distribuição por gênero dos convidados, dos 119 episódios que estavam disponíveis no Youtube, 68% dos convidados eram homens e 32% eram mulheres, contando a quantidade total de pessoas, levando em conta quando havia dois convidados no mesmo programa. A maior parte dessas mulheres podem ser classificadas como coaches de paquera, antifeministas/conservadoras ou mulheres que trabalham com a venda de conteúdos adultos em plataformas digitais.

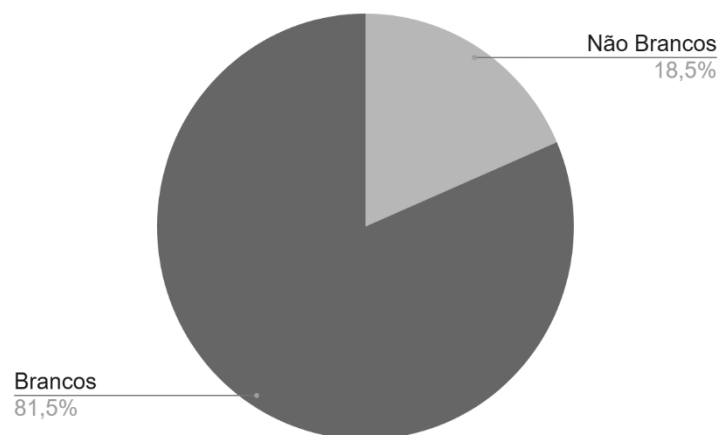
Gráfico 2 – Convidados por gênero



Fonte: Elaboração do autor – Coletado YouTube.

Com relação à distribuição por raça/cor dos convidados, dos 119 episódios que estavam disponíveis no Youtube, 81,5% dos convidados eram brancos e 18,5% eram não brancos, contando a quantidade total de pessoas, levando em conta quando havia dois convidados no mesmo programa.

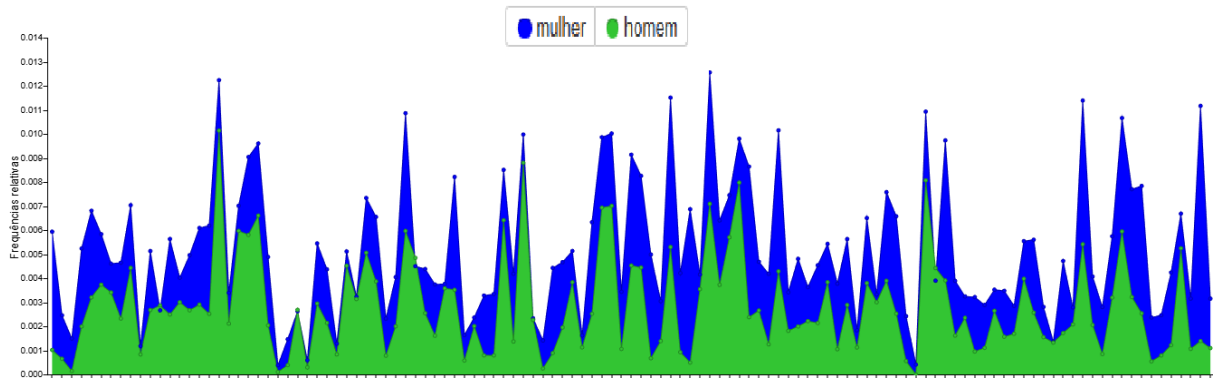
Gráfico 3 – Convidados por raça/cor



Fonte: Elaboração do autor – Coletado YouTube.

Observa-se que a grande predominância nos episódios ainda disponíveis no Youtube é composta por homens 68% e pessoas brancas 81%. Importante observar também que há apenas dois convidados que são ao mesmo tempo mulheres e não brancas.

Imagem 8 - Frequência dos termos principais ao longo dos episódios



Fonte: Elaboração do autor – Gerado pelo software Voyant Tools

O que se pode observar é que os termos se repetem ao longo dos episódios do período, o que demonstra uma constante oposição dos dois papéis de gênero dentro da dinâmica do programa. Com esses dados ainda não é possível inferir exatamente os valores que estão sendo atribuídos aos termos, mas já é possível observar que ambos são discutidos com frequência ao longo do tempo no RedCast. A correlação entre homem e mulher também pode ser percebida usando a ferramenta de co-ocorrência do Voyantools, onde ao se buscar a co-ocorrência para a palavra “homem” se encontra em primeiro lugar a palavra mulher. Quando se analisa a co-ocorrência para o termo “mulher” se encontra em terceiro lugar o termo ‘homem’, perdendo apenas para o termo “cara” e “tá” que também aparecem como as mais frequentes nas ocorrências do termo “homem”. Dentro do contexto do podcast se observa que o termo “cara” funciona como uma espécie de interjeição, muito usada tanto pelos hosts quanto pelos convidados, não tendo uma função sintática clara dentro das frases. Isso tudo só reforça a hipótese do Podcast, de forma geral, pensar a ideia de homem e mulher de forma relacionada.

Imagem 9 - Co-ocorrência para o termo “homem”

Co-ocorrências			
	Termo	Co-ocorrência	Contagem (contexto)
<input type="checkbox"/>	homem*	mulher	10104
<input type="checkbox"/>	homem*	homem	9275
<input type="checkbox"/>	homem*	cara	5079
<input type="checkbox"/>	homem*	tá	4725
<input type="checkbox"/>	homem*	então	4180
<input type="checkbox"/>	homem*	né	3960
<input type="checkbox"/>	homem*	gente	2508
<input type="checkbox"/>	homem*	só	2341
<input type="checkbox"/>	homem*	acho	2216
<input type="checkbox"/>	homem*	tipo	1886

Fonte: Elaboração do autor – Gerado pelo software Voyant Tools

Imagem 10 - Co-ocorrência para o termo “mulher”

Co-ocorrências			
	Termo	Co-ocorrência	Contagem (contexto)
<input type="checkbox"/>	mulher*	mulher	20780
<input type="checkbox"/>	mulher*	cara	17402
<input type="checkbox"/>	mulher*	tá	12608
<input type="checkbox"/>	mulher*	homem	11899
<input type="checkbox"/>	mulher*	então	9662
<input type="checkbox"/>	mulher*	né	9189
<input type="checkbox"/>	mulher*	só	6091
<input type="checkbox"/>	mulher*	gente	5715
<input type="checkbox"/>	mulher*	mulheres	5555
<input type="checkbox"/>	mulher*	tipo	5367

Fonte: Elaboração do autor – Gerado pelo software Voyant Tools

Pode-se pensar a oposição entre o homem e a mulher nas sociedades modernas na perspectiva interacionista Erving Goffman (1977) que pensa a origem da divisão sexual do trabalho numa

perspectiva, pode sim ser estabelecida em função de fatores biológicos, mas a sustentação da mesma atualmente é um construto meramente social. O autor argumenta que se cria uma estrutura social onde pensa-se uma mulher frágil e que necessita de um suporte masculino, e um homem que está disposto a cortejar a mesma. Isso se estabelece pela dinâmica do cortejo, através de uma ideia falsa de dependência feminina, passando pela marcação forte das divisões dos papéis de homem, controle proteção e da mulher, fragilidade e cuidado. A estrutura da divisão do trabalho entre os gêneros pensada dentro do Redcast se sustenta nos mesmos princípios que Goffman (1977) analisa na sociedade americana dos anos 50, o que mostra uma idealização do passado por parte dos convidados do podcast citado.

Após observar a frequência de palavras, é importante observar as palavras mais frequentes, e observar aquelas que têm significado por si próprias. As 50 palavras mais frequentes são as seguintes:

Imagem 11 - Termos mais frequentes

1	mulher	11	homens	21	galera	31	pegar	41	família
2	homem	12	velho	22	problema	32	alguém	42	começa
3	vida	13	tempo	23	existe	33	falo	43	qualquer
4	mulheres	14	fica	24	precisa	34	legal	44	exatamente
5	mundo	15	certo	25	pessoal	35	vídeo	45	realmente
6	dela	16	negócio	26	caso	36	sair	46	história
7	dinheiro	17	beleza	27	muitas	37	queria	47	chegar
8	verdade	18	filho	28	pai	38	sentido	48	saber
9	casa	19	relacionamento	29	deus	39	mãe	49	seguinte
10	caras	20	melhor	30	ninguém	40	brasil	50	ideia

Fonte: Elaboração do autor – Gerado pelo software Voyant Tools

Dentre os termos mais frequentes, alguns em especial são passíveis de uma verificação mais profunda de seu contexto. Destacamos então os seguintes termos: *mulher, homem, vida, mundo, dinheiro, tempo, negócio, filho, relacionamento, pai, deus, mãe, brasil, família*. A escolha desses termos se dá, para além da frequência encontrada, pela sua significância dentro do objeto de estudo. Esses elementos centrais dentro do podcast, tendo significado em por si só, diferente de termos como: certo, melhor, existe, muitas, pegar, legal e outros. Para isso será usado a ferramenta de frase, do Voyant Tools, e como filtro, serão tomadas as frases onde os termos se encontram, escolhendo as 10 primeiras em ordem de tamanho da frase. Não utilizaremos a quantidade de repetições, pois as frases mais repetidas não formam uma frase completa, sendo muitas delas apenas o termo em questão e mais duas outras palavras.

Imagem 12 - Principais frase termo ‘mulher’

Termo
mulher querer esse cara rodado por competição ser melhor que as outras que ele só fi...
mulher se o cara não consegue me carregar no colo eu não namoraria com
mulher tem que gostar muito do cara para apoiar ele numa situação como essa
mulher tem que cozinhar pro cara e tratar ele como rei
mulher não tem nada a ver com seu filho então
mulher que não segue os padrões que a mãe quer
mulher ela só consegue amar o outro quando ela
mulher não tem tesão por homem que é um
mulher mais gostosa do mundo que ele vai

Fonte: Elaboração do autor – Gerado pelo software Voyant Tools

O que se observa nas frases carrega uma série de noções da mulher como interesseira, como manipuladora, que vai competir com outras mulheres. A forma como a mulher é pensada dentro desses grupos é extremamente objetificada, voltada a servir o homem em questões domésticas e questões sexuais. A informação que as frases acima nos trazem, evidenciam que as ideias tratadas no Redcast não destoam do que nos foi apresentado por Silva e Hennigen (2024) quando se pensa na mulher dentro da machosfera. Tem-se um essencialismo dos papéis de

gênero, mas tudo em torno de uma contradição entre mulheres que são interesseiras e maquiavélicas (Na visão dos convidados do Redcast as mulheres só vão amar e apoiar um homem se ele cumprir determinadas características) ao mesmo tempo que são incapazes de assumir o controle da própria vida. Além disso, a mulher sempre é retratada como um corpo objetificado, a mulher que desperta dos desejos, que é “mais gostosa do mundo”, além de ser aquela que deve seguir o que a mãe ensinou, cuidar dos filhos, cozinhar e tratar o homem como rei.

Imagem 13 - Principais frase termo ‘homem’

Termo
homem como líder tem o dever de ir embora quando a mulher não respeita
homem ficar com várias mulheres não é a mesma coisa
homem é mais bloqueio do que a mulher
homem ama a mulher e através da
homem do que na vida da mulher
homem que eu admiro o homem que
homem vê na mulher o que que
homem como amigo é muito benéfico
homem de verdade é o que
homem ele não quer pagar mais

Fonte: Elaboração do autor – Gerado pelo software Voyant Tools

As frases identificadas pela ferramenta “frases” do Voyant tolls, algumas vezes, não nos permite compreender melhor o contexto e o assunto por elas mesmas. Desse modo, será necessário adentrar o contexto mais amplo das frases para se entender o que está sendo dito, uma ou por dentro do próprio texto transcrito ou indo diretamente ao episódio. Assim temos, Na frase 1 aparece a ideia de que o homem deve liderar a relação e que, caso a mulher não aceite essa liderança, ele deve ir embora; na frase 2 surge a noção de que os homens têm o direito de se relacionar com várias mulheres; na frase 3 está presente a ideia de que o homem é bobo e romântico, enquanto a mulher é manipuladora; na frase 4 aparece a concepção de que o homem ama a mulher por causa do filho; na frase 5 surge a ideia de que o sexo é mais latente

na vida do homem do que na da mulher, sendo a mulher mais orientada à gravidez; na frase 6 está presente a valorização da admiração por um homem que tem algo a ensinar; na frase 7 aparece a percepção de que os homens veem as mulheres como patéticas, estúpidas, bobas, tolas, egocêntricas e mimadas; na frase 8 surge o relato de que a amizade com homens é vista como benéfica para a mulher por envolver ajuda prática e disponibilidade; na frase 9 aparece a ideia de que o “homem de verdade” é aquele que pode proporcionar coisas que o dinheiro paga; e, por fim, na frase 10 surge a ideia de que o homem não quer valorizar uma mulher que teve relações sexuais com outro homem que não fez o mesmo nível de investimento.

Imagem 14 - Principais frase termo ‘mundo’

Termo
mundo tem vontade de ficar com outra pessoa
mundo queria saber quem que é esse
mundo do que assumir a própria
mundo teve uma fase do cosplay
mundo então eu acho que
mundo gira ao redor dela
mundo não vai acolher ele
mundo público ela não é
mundo tá cada vez melhor
mundo tinha que ser casado

Fonte: Elaboração do autor – Gerado pelo software Voyant Tools

Aprofundando o conteúdo das frases acima, podemos chegar as seguintes ideias destacadas para cada uma delas : Na frase 1 temos a ideia de risco de trair e ser traído em um relacionamento; na frase 2 aparece a noção de saber quem é a pessoa; na frase 3 está presente um discurso ligado ao pensamento neoliberal de responsabilização individual pelo insucesso financeiro de um indivíduo; na frase 4 surge a ideia de que todos tiveram experiências com a cultura geek; na frase 5 aparece a percepção de que a sociedade moderna estaria distorcida dos valores bíblicos e de que a solução seria a reconexão com essas origens; na frase 6 está presente a ideia de que a mulher é mimada e de que o mundo gira ao redor dela; na frase 7 surge uma explicação

associada a um narcisismo primário, segundo a qual o indivíduo percebe que o mundo não o acolhe; na frase 8 aparece a defesa de que tanto homens quanto mulheres devem assumir responsabilidades nas esferas públicas e privadas; na frase 9 está presente a ideia de que o mundo está cada vez mais podre; e, por fim, na frase 10 surge a ideia de que todos deveriam ser casados.

Imagem 15 - Principais frase termo ‘*vida*’

Termo

vida sexual livre para assim se contentar com o pouco que o marido pode oferecer
vida me ensinou a ser assim porque as mulheres acham ser
vida de solteiro do homem normalmente cara não é
vida do homem do que na vida da mulher
vida de solteiro mas com uma pessoa
vida igual da influência que ela segue
vidas são mais importantes que a outra
vida com mulher gata sou enorme
vida de instagram não é
vida de todo mundo é

Fonte: Elaboração do autor – Gerado pelo software Voyant Tools

Analisando as frases com a palavras “vida” temos, na frase 1 aparece a problematização da liberdade sexual feminina; na frase 2 surge a culpabilização das mulheres pela falta de afetividade masculina, sob a ideia de que elas não dão uma chance ao homem; na frase 3 está presente a romantização da vida de solteiro acompanhada da desvalorização da figura do pai de família; na frase 4 aparece a noção de que ganhar dinheiro é uma responsabilidade quase naturalizada do homem; na frase 5 surge a ideia de que as pessoas não querem compromisso e preferem relações que não correspondem ao modelo de compromisso entendido como princípio divino; na frase 6 aparecem concepções sobre o homem desejar uma mulher bonita e fiel, enquanto a mulher desejaria bens e estilos de vida vistos em influenciadoras que acompanha; na frase 7 surge a ideia de que as mulheres avaliam alguns homens como superiores a outros, o

que implicaria a existência de vidas mais importantes que outras; na frase 8 aparece a prática de classificar mulheres em uma escala de 0 a 10 e afirmar que apenas se relacionou com aquelas com notas mais altas; na frase 9 surge a ideia de que o Instagram influencia a percepção que as mulheres têm sobre a própria atratividade; e, por fim, na frase 10 aparece o choque de realidade de quem romantiza a vida dos influenciadores do Instagram.

Ao analisar o termo “vida”, observa-se uma forte presença da ideia da vida de solteiro, a vida sexual ativa de uma mulher sendo um empecilho dentro de um casamento e também a ideia de que determinada escolha de vida se daria em função de algo que as mulheres causaram a esse indivíduo. Pensando na vida sexual da mulher, é interessante retomar a noção proposta por Soares (2024) de patriarcado de vigilância e a burca digital, onde para além de explorar sua sexualidade, o simples fato de existir na internet abre a possibilidade para que as mulheres sofram violência nesse espaço. E as violências vão operar com a necessidade de controlar a performance das mulheres dentro do ambiente digital. Logo, a mulher poder explorar a sua sexualidade é algo que vai causar revolta por parte dos grupos da machosfera. Dias (2023) pensa o sentimento de humilhação, ressentimento e desejo de vingança dos homens como elementos importantes dentro da machosfera e tanto o incômodo com a vida sexual da mulher, quanto a culpabilização das mesmas pelas consequências da sua vida passam por esses sentimentos. Além disso, a busca pelo afastamento das mulheres também é presente, muitas vezes a noção de ficar solteiro carrega em si a relação com o subgrupo MGTOW e a ideia de se afastar das mulheres e “Seguir o próprio caminho”.

Imagem 16 - Principais frase termo ‘dinheiro’

Termo
dinheiro o estado deve pras pessoas que ele
dinheiro dela é só dela e o
dinheiro lá e manda para cá
dinheiro para não depender de homem
dinheiro para trabalhar para você
dinheiro que eu já fiz
dinheiro a mentalidade de
dinheiro a mulher ficava
dinheiro com inteligência artificial
dinheiro com r cash

Fonte: Elaboração do autor – Gerado pelo software Voyant Tools

Analisando as frases com a palavras “Dinheiro” temos : Na frase 1 aparece a ideia de que imposto é roubo e de que o Estado retira injustamente o dinheiro das pessoas; na frase 2 surge a noção de que a mulher deve ter o próprio dinheiro, mas utilizar o dinheiro do marido para determinadas despesas; na frase 3 aparece a ideia de que uma mulher bem estabelecida no exterior não vai querer se relacionar com um homem que acabou de chegar do Brasil; na frase 4 surge a noção de que o homem busca dinheiro para poder se relacionar com a mulher que quiser, enquanto a mulher busca dinheiro para não depender de um homem; na frase 5 está presente a ideia de realizar investimentos e fazer o dinheiro trabalhar para o indivíduo; na frase 6 aparece a noção de criar mecanismos para lidar com o dinheiro; na frase 7 surge a ideia de que existem mentalidades voltadas para ganhar e acumular dinheiro, assim como mentalidades que levariam à miséria; na frase 8 aparece a concepção de que, no passado, a mulher era refém do homem em função da dependência financeira; na frase 9 surge a venda de cursos voltados para ganhar dinheiro com o uso da inteligência artificial; e, por fim, na frase 10 aparece a ideia de que existem diversas formas de ganhar dinheiro, inclusive por meio de R cash.

Imagem 17 - Principais frase termo ‘tempo’

Termo
tempo que demora abre os braços vem e me namora eu quero dar vazão ao sentimento mostrar que
tempo para sustentar o filho que passa a ser de outro
tempos e que se ele se elegeisse
tempo médio de um casamento
tempo a favor dele
tempo atrás a gente
tempo coisa de uns
tempo dá nosso tempo
tempo de falar tudo

Fonte: Elaboração do autor – Gerado pelo software Voyant Tools

Na frase 1 aparece o trecho de uma música; na frase 2 surge a ideia de um pai que paga uma pensão considerada alta e que seria vítima de abuso por parte da mãe, que não o deixaria ver os filhos; na frase 3 aparece a percepção de que, para metade da população, um presidente é visto como o pior ladrão de todos os tempos, enquanto para a outra metade esse lugar é atribuído ao candidato oposto; na frase 4 surge a ideia de que os casamentos no Brasil têm, em média, 16 anos de duração; na frase 5 aparece a noção de que o homem teria o tempo a seu favor, não sofrendo a mesma pressão que a mulher ao chegar aos 30 anos; na frase 6 surge a ideia de que o Redcast se tornou uma empresa, uma sociedade; na frase 7 aparece a ideia de que o aborto é moralmente errado; na frase 8 surge a concepção de que o Brasil é um país jovem, que já chegou a ocupar a posição de nona economia do mundo; na frase 9 aparece a ideia de que não houve tempo suficiente para falar; e, por fim, na frase 10 surge a ideia de que a mulher divorciada ou mãe solteira carregaria um estigma social.

Analisando os termos “tempo” e “dinheiro” vamos observar elementos muito fortes do neoliberalismo presentes nas frases. Tem-se algumas oposições com o estado, e muito

incrustada a necessidade de produzir por si mesmo as condições da sua vida. É presente os elementos da negação do social, e a responsabilização individual como Wendy Brown (2019) aponta, inclusive na composição entre moral e mercado.

Imagem 18 - Principais frase termo ‘*negócio*’

negócio de um jeito que ele
negócio é o seguinte eu
negócio que eu falo que
negócio que foi feito para
negócio ali na na
negócio com cara casado
negócio da igreja tô
negócio de pagar conta
negócio do zé droguinha

Fonte: Elaboração do autor – Gerado pelo software Voyant Tools

É importante destacar que o termo *negócio* muitas vezes está associado a uma publicidade feita em muitos episódios do podcast :

“Negócio de assinatura e uma série de professores que você vai poder interagir ao vivo para para pensar qualquer cursinho online você paga uma fortuna para ter umas horinhas de conteúdo você também vai ter canais de discussão onde você vai poder discutir desde”.

Exclui-se a frase para a análise do termo isolado da publicidade, mas é importante observar que o RedCast também opera como um meio de publicidade de diversos tipos, e no caso está ligado com a ideia de autoempreendedorismo de si mesmo e os elementos do neoliberalismo apontados por Wendy Brown (2019). Mas o que vai se observar com a análise do termo “*negócio*” é que na maioria das vezes ele funciona como um elemento sintático para refletir uma ideia, como no exemplo “O *negócio* é o seguinte”, que é tipo do vocabulário de muitas regiões do Brasil.

Imagem 19 - Principais frase termo ‘filho’

Termo
filho é muito difícil e caro ou é muita mídia feminista que entrou na mente das pessoas
filho mulher não tem tesão por homem que é um
filho que não é dele é machismo
filho que passa a ser de outro
filho a gente vai morar junto
filho do dono da gol e
filho não tem nada a ver
filho com a minha noiva
filho da __ se mete
filho do dono da gol

Fonte: Elaboração do autor – Gerado pelo software Voyant Tools

Analisando as frases com a palavras “filho” temos : na frase 1 aparece a ideia de que considerar um filho como algo caro seria uma construção do feminismo; na frase 2 surge a noção de que, quando a mulher cuida do companheiro, ela o trataria como pai ou filho e, por isso, perderia o interesse sexual por ele; na frase 3 aparece a ideia de que criar um filho não biológico seria um problema e que apenas mencionar essa possibilidade já seria considerado machismo; na frase 4 surge a ideia de que o pai biológico pagar a pensão enquanto outro homem assume o papel de pai da criança; na frase 5 aparece a concepção de que se relacionar com uma mulher que tem filho equivale a sustentar o filho dela; na frase 6 surge a ideia de que determinado homem pode ser um enganador, a partir da referência a um caso famoso; na frase 7 aparece a noção de que filho não é algo com o qual se pode brincar; na frase 8 surge a ideia de realizar tratamentos para ter filhos; na frase 9 aparece a concepção de que o casamento seria apenas uma forma de o Estado se intrometer na vida privada das pessoas; e, por fim, na frase 10 surge a ideia de que existem pessoas “desenroladas” que podem ser enganadoras, a partir de casos de grande repercussão.

O termo “filho” também vai ser usado algumas vezes no sentido de gíria ou coloquialismo, mas em algumas frases ele vai trazer a discussão da criação dos filhos, principalmente a ideia de filho de outro homem ou ser criado por outro homem. Esse sentido está muito vinculado ao que Lacalle (2023) trás sobre o subgrupo MRA, que está pautado em torno das discussões sobre divisão de pensão e guarda dos filhos em contexto de divórcio. Assim, novamente, temos uma ligação forte das ideias trazidas pelo podcast com os elementos que pautam a machosfera.

Imagem 20 - Principais frase termo ‘*relacionamento*’

Termo
relacionamento sério para cá eu entendi não para de fingir que você
relacionamento especialmente quando você está conhecendo a pessoa
relacionamento no ano passado que não deu certo
relacionamento não é o que ele
relacionamento que vai funcionar para você
relacionamento a gente tem que
relacionamento com um cara que
relacionamento com uma pessoa que
relacionamento de mercado mais alto
relacionamento do que o homem

Fonte: Elaboração do autor – Gerado pelo software Voyant Tools

Analisando as frases pelo termo “relacionamento”, tem-se presente a ideia de mercado de relacionamento, que é mais uma vez uma demonstração do neoliberalismo, onde a lógica de mercado invade as relações efetivas na vida. Além disso, encontra-se novamente um certo afastamento dos relacionamentos sérios, que demonstram traços das ideias do subgrupo MGTOW. Além é claro da venda de ideias que causam insegurança nos relacionamentos e soluções para se ter um relacionamento favorável para o homem, que tem muita relação com o que é tratado por Bujalka et all (2022) onde os influencers da redpill vendem inseguranças para os homens e depois capitalizam as inseguranças com a venda de cursos. Não se tem nos trechos a venda de cursos, mas sim a dinâmica de fomentar ideias que geram inseguranças dentro de um relacionamento e a própria redpill vai ensinar a forma correta de se relacionar, o que pode abrir possibilidades para monetização dessa demanda por uma solução para a insegurança criada.

Imagem 21 - Principais frase termo ‘pai’

Termo
pai gasta mais de 18.000 depois de um tempo para sustentar o filho que passa a ser de outro
pai largou minha mãe agora está com ela tentando superar isso
pai de família um escravo do sistema
pai e a mãe sempre trabalharam
pai minha mãe e minha filha
pais trabalhando em jornada dupla e
pai dela é um frouxo
pai do filho dela no
pai e da sua mãe
pai ele sempre gostou de

Fonte: Elaboração do autor – Gerado pelo software Voyant Tools

Analisando as frases com a palavras “pai” temos que na frase 1 aparece a ideia de que o pai paga a pensão enquanto outro homem assume o papel de pai da criança; na frase 2 surge a ideia de um pai que abandonou a mãe; na frase 3 aparece a noção de que nem todo solteiro é funcional e nem todo pai de família é um escravo do sistema, ainda que isso carregue implicitamente a generalização de que o solteiro tende a ser funcional e o pai de família um escravo; na frase 4 surge a ideia de que o Estado não oferece condições adequadas para que os pais eduquem bem seus filhos; na frase 5 aparece a noção de indiferença em relação a tudo que não afete diretamente os membros da própria família; na frase 6 surge a ideia de que a necessidade de os pais trabalharem em jornadas duplas faz com que os filhos passem grande parte do tempo na internet; na frase 7 aparece a concepção de que a família de uma pessoa pode funcionar como um sinal de alerta para evitar um relacionamento; na frase 8 surge a ideia de que deixar o filho com a avó para se divertir seria problemático; na frase 9 aparece a ideia de que traumas vividos

pelos pais são transmitidos biologicamente aos filhos; e, por fim, na frase 10 surge a informação de que o pai do entrevistado era sindicalista.

Imagem 22 - Principais frase termo ‘*mãe*’

Termo
mãe solteira tem que ter vergonha de ser mãe solteira
mãe agora está com ela tentando superar isso
mãe me obrigou que eu era muito magro
mãe do caíque me enchendo o saco
mãe solteira que criou o filho sozinha
mãe eu acho que eu reprovei
mãe dela já era separada
mãe do meu filho e
mãe do meu filho sabe
mãe onde eu vou eles

Fonte: Elaboração do autor – Gerado pelo software Voyant Tools

Analisando as frases com a palavras “mãe” temos que na frase 1 aparece a ideia de que a mãe solteira deveria sentir vergonha de sua condição, sem que haja qualquer tentativa de compreender as circunstâncias que a levaram a essa situação; na frase 2 surge a ideia de um pai que abandonou a mãe; na frase 3 aparece a noção de uma mãe que “obriga” o filho a treinar por considerá-lo muito magro; na frase 4 surge a ideia de que a mãe da criança, após a separação, passa a ser vista como alguém ruim e inconveniente; na frase 5 aparece a concepção de que, quando uma mãe cria o filho sozinha, haveria uma falta de ordem moral associada à ausência da figura paterna; na frase 6 surge a ideia de que o entrevistado foi reprovado na faculdade e precisou contar isso à mãe; na frase 7 aparece a noção de um estigma familiar segundo o qual mulheres criadas por mães separadas também tenderiam a se separar; na frase 8 surge a ideia de que uma mãe pode utilizar a guarda do filho para impedir o contato do pai com a criança; na frase 9 reaparece essa mesma ideia, reforçando a acusação de uso da guarda como instrumento

de afastamento paterno; e, por fim, na frase 10 aparece a ideia de levar os pais para morar junto consigo, independentemente do local.

Nesse momento, diante da relação entre os termos homem e mulher, em sentido de complementaridade e oposição, a análise dos termos “pai” e “mãe” será feita de modo conjunto. Observa-se que o termo “pai” tem uma ligação com o ideal daquele que abre mão de tudo para sustentar a esposa e os filhos, que faz até um papel de bobo por isso, e pode perder o acesso aos filhos numa eventual separação, um sacrifício quase heroico. Já o termo “mãe” está sempre ligado com a mãe solteira, ou a mãe do meu filho, que não tem identidade, é simplesmente a pessoa que se opõe a esse pai heroico, o que não reflete com a realidade, onde muitos pais abandonam seus filhos e as mães sim fazem um papel heroico na criação dos mesmos. Podemos retomar Miguel (2023) na sua análise dos memes em torno da mãe solteira, que é aquela irresponsável, que não soube escolher um bom pai para os filhos e tentar utilizar as brechas da lei que a beneficiam para obter vantagens frente aos homens. Elementos que vão criar um ressentimento em cima de uma figura da mãe solteira, que vai ser em muitos dos casos uma figura que está em uma condição de dificuldade de lidar com as demandas da criação dos filhos sem o suporte do pai, e não alguém que quer supostamente se aproveitar de um homem, dentro de um relacionamento.

Imagem 23 - Principais frase termo ‘*deus*’

Termo
deus não quer que você fique mostrando
deus será que eu vou poder
deus não me deixa aqui
deus tem que ser onipresente
deus a família e
deus do céu ó
deus do céu que
deus eu não conheço
deus eu não sei
deus é capaz de

Fonte: Elaboração do autor – Gerado pelo software Voyant Tools

A análise do termo “deus” está muitas vezes ligado a interjeição “meu deus” ou “pelo amor de deus”. O termo não vai trazer grandes contribuições para essa análise. Muitas vezes fala-se sobre elementos do cristianismo, da relação dos convidados com a religiosidade, mas sem nos possibilitar captar um panorama geral de como a religião atravessa a machosfera.

Imagem 24 - Principais frase termo ‘*Brasil*’

brasil é pobre por causa de portugal
brasileiro que vai morar fora do país
brasil acho que é mais fácil
brasil brasil é um país
brasil é muito bom para
brasil quanto no estados unidos
brasil a gente tem
brasil e a gente
brasil é isso aí
brasil é isso que

Fonte: Elaboração do autor – Gerado pelo software Voyant Tools

Na frase 1 aparece a ideia de que a situação econômica do Brasil não estaria relacionada ao seu passado colonial, mas sim à corrupção da própria sociedade brasileira; na frase 2 surge a representação de que uma pessoa considerada elite no Brasil perde importância simbólica ao chegar ao exterior; na frase 3 aparece a noção de que no Brasil o sexo ocorreria com maior facilidade do que em outros países, inclusive sem a necessidade de rituais sociais como pagar um jantar; na frase 4 manifesta-se a ideia de que, como 85% da população brasileira ganharia até três salários mínimos, o país deveria ser considerado pobre; na frase 5 aparece a concepção de que o Brasil, por ser um país repleto de problemas, constituiria uma fonte privilegiada de oportunidades para ganhar dinheiro; na frase 6 surge a explicação do convidado acerca da estrutura de seu curso de investimentos, fundamentado no estudo dos maiores investidores do Brasil e dos Estados Unidos; na frase 7 aparece a ideia de que o povo brasileiro estaria morrendo sozinho; na frase 8 manifesta-se a noção de que o Estado não realiza auditorias sobre aquilo que deveria efetivamente ser auditado; na frase 9 surge a representação do Brasil como o país da miscigenação; e, por fim, na frase 10 aparece a ideia de que o Estado não poderia condenar uma pessoa por algo que ela disse.

O que se percebe é que, de modo geral, tem-se uma visão muito negativa sobre o Brasil, por ser um país pobre, corrupto, onde as pessoas ganham mal. Mas ao mesmo tempo é observado que a vida fora do Brasil não é tão boa, muitas vezes uma pessoa de uma classe social alta no Brasil não vai ter o mesmo prestígio em países do norte global. Algumas vezes se tenta negar as raízes coloniais do Brasil e responsabilizar os brasileiros pela difícil situação econômica. Wendy Brown(2019) fala dessa condição em que a extrema direita vai negar todas as fontes de desigualdade na humanidade, como a colonização, patriarcado e escravidão, e tornar o sucesso algo ligado a responsabilidade individual e a livre competição dos mercados.

Imagem 25 - Principais frase termo ‘*família*’

Termo
família não tem por que casar
família que preza muito pela
família tá aqui a gente
família um escravo do sistema
família como poucos homens
família dele não tem
família sempre me levaram
família veio da itália
família cara eu
família chamada de

Fonte: Elaboração do autor – Gerado pelo software Voyant Tools

Por fim, chega-se a análise do termo “família.” que não vai estar em frases ligadas ao que se pensa sobre família, mas vai estar fortemente ligada a ideia de pai de família. Quando se analisa a co-ocorrência do termo “pai” o termo “família” é o quarto mais recorrente. E o contrário também, ao olhar para o termo “família”, o termo “pai” é o quarto com maior recorrência. conforme as imagens:

Imagem 26 - Principais co-ocorrências termo '*família*'

Co-ocorrências			
	Termo	Co-ocorrência	Contagem (contexto)
<input type="checkbox"/>	família	família	200
<input type="checkbox"/>	família	mulher	101
<input type="checkbox"/>	família	dela	78
<input type="checkbox"/>	família	pai	75
<input type="checkbox"/>	família	tradicional	60
<input type="checkbox"/>	família	homem	51
<input type="checkbox"/>	família	filhos	49
<input type="checkbox"/>	família	casa	49
<input type="checkbox"/>	família	mãe	39
<input type="checkbox"/>	família	mundo	34

Fonte: Elaboração do autor – Gerado pelo software Voyant Tools

Imagem 27 - Principais co-ocorrências termo '*pai*'

Co-ocorrências			
	Termo	Co-ocorrência	Contagem (contexto)
<input type="checkbox"/>	pai*	pai	325
<input type="checkbox"/>	pai*	mãe	319
<input type="checkbox"/>	pai*	dela	141
<input type="checkbox"/>	pai*	filho	129
<input type="checkbox"/>	pai*	casa	112
<input type="checkbox"/>	pai*	família	80
<input type="checkbox"/>	pai*	mulher	64
<input type="checkbox"/>	pai*	filhos	57
<input type="checkbox"/>	pai*	criança	53
<input type="checkbox"/>	pai*	filha	49

Fonte: Elaboração do autor – Gerado pelo software Voyant Tools

Então, sabendo da importância da ideia do pai de família, retornaremos para a análise do mesmo como uma figura novamente heroica, um escravo do sistema, que é desprivilegiado. Sua obrigação é cuidar da família e sofrer, enquanto a mulher só tem que cuidar da casa e dos filhos. É novamente a inversão de exploração, como o que traz Dickel & Evolvi (2022), típica da forma redpill de enxergar o mundo, onde os homens da machosfera se colocam como vítimas e as mulheres privilegiadas, com o intuito de se legitimar enquanto o gênero que domina as

mulheres. Importante pensar na construção da realidade que é criada dentro das câmaras de eco da redpill, e como Berger e Luckmann(2004) pensam na socialização secundária sendo pautada pela emoção. O ressentimento pelas mulheres vai ser a fonte emocional para absorção da linguagem própria da machosfera e no machismo tradicional pode ser encontrado um grau de coerência com a realidade já estabelecida. Isso se dá uma vez que patriarcado pode ser a fonte que dá essa linha para o estabelecimento das bases de pensamento da machosfera, mas também criando uma realidade perpassada pelas plataformas digitais e os impactos que isso traz.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do podcast, usando ferramentas de coleta automática de dados, e ferramentas de análises textual, enfrentam uma série de dificuldades técnicas, mas aponta temas importantes discutidos dentro do objeto de estudo. A coleta total de 119 episódios, utilizando a ferramenta de legenda, faz com que obtemos uma grande massa de dados, mas sem uma organização frasal como uma matéria de jornal, com a pontuação muito bem-marcada. Além disso, o fato de ser a transcrição de falas, o uso de coloquialidade dificulta bastante a captação dos pontos principais do que é discutido. Muitas interjeições atrapalham a obtenção do núcleo dos conteúdos, mas mesmo com essa dificuldade, foi possível observar a co-ocorrência entre os termos “homem” e “mulher”, além de captar temas importantes que são operacionalizados dentro do Redcast, e que podem indicar que no Brasil, esses temas também são discutidos e operacionalizados pelos sub-grupos da machosfera. Algumas ferramentas do Voyant Tools não trouxeram informações claras para a pesquisa devido a quantidade elevada de episódios analisados do podcast. Trabalhando com 119 arquivos, não foi possível definir dentro de uma quantidade as relações que um tinha com outro, e nem ter uma vinculação direta entre temas dentro de cada parte. O que foi possível observar é a repetição dos principais termos (*mulher, homem, vida, mundo, dinheiro, tempo, negócio, filho, relacionamento, pai, deus, mãe, brasil, família*) ao longo de todos os episódios.

Quando pensamos nos principais temas discutidos dentro do Redcast, observamos que elas perpassam algumas instituições estabelecidas na sociedade brasileira. Observa-se que os elementos marcados pela literatura sobre a machosfera surgem como portadores das discussões. Surgem em vários momentos as ideias de Beta, Alfa, Chads, classificados formas de masculinidades que são bem vistas, e mal vistas. A sensibilidade masculina é sempre vista como negativa, não somente ela, mas qualquer forma de expressar masculinidade, que se diverte da masculinidade hegemônica, com elementos de virilidade, força, potência, violência.

A ideia da inversão da opressão, onde os homens são as verdadeiras vítimas do feminismo vai está no eixo central da machosfera brasileira, o podcast não vai estar isento disso. A Teoria da Redpill é a forma de pensamento que opera tanto nacionalmente quanto internacionalmente, com a culpabilização das mulheres por diversos aspectos de piora na vida desses homens, que não tem relação direta com os avanços dos direitos das mulheres. Essa piora é sim fruto do

neoliberalismo, que para Brown (2019) cria as bases para o ressentimento de uma categoria de pessoas que antes era privilegiada, os homens brancos. O chamado para “sair da matrix” de um mundo controlado pelas mulheres, que as privilegia, é núcleo do pensamento da machosfera brasileira, não se diferenciando nesse ponto a nada observado na teoria.

Tem-se as categorias destacadas nesse trabalho, presentes em alguns momentos. A figura do MGTOW surge como uma espécie de evolução máxima da redpill, onde o homem consegue estabelecer um controle de si mesmo, a ponto de não se relacionar com mulheres. Muitos dos convidados são pessoas que vendem cursos de sedução, o que foi estabelecido ao longo do trabalho como PUAs, ou artistas da sedução. A dinâmica operada dentro do podcast flerta com a ideia do “malandro”, aquele que não se prende a nada, que arrisca, que não é passado para trás. A vida sexual ativa através do aprendizado de como seduzir mulheres, e como conseguir enganá-las para se aproveitar delas. Essa noção parece operar com uma figura importante para se pensar a construção da masculinidade no Brasil, que é o “negro malandro”, postulada por Florestan Fernandes (2008).

Para Florestan Fernandes (2008) a figura do “malandro” se pauta na ideia do homem que corre riscos atuando em atividades clandestinas e ilegais, de modo e não se submete a posição de desprestígio do “negro ordeiro”, que era aceito pelos homens brancos no contexto pós escravidão. Além da qualidade ocupacional, traz-se a questão da sexualidade, onde o homem que conquista muitas mulheres sexualmente é visto de forma elogiosa, e a virilidade masculina, no contexto citado, foi construída dentro dessa dinâmica (Fernandes, 2008). A dinâmica dos “professores de sedução” no contexto brasileiro pode ter uma ligação com o processo histórico da masculinidade, trazendo algo próprio das masculinidades negras para dentro da machosfera brasileira, se distanciando da questão social que acomete os homens negros para se comportar como tal, explicado por Fernandes. O que para ser confirmado, necessitaria um estudo específico, pautando a questão racial de forma mais intensa.

O homem malandro é aquele que não assume uma família, é o homem que desperta os desejos, e pensar a família, as noções de pai e mãe, dentro do que é dito no podcast, nos traz a figura da mãe solteira, como uma mulher perigosa que vai usar os filhos como instrumento de poder para controlar e se aproveitar o homem. Enquanto isso, a figura do pai é o homem inocente, vítima de uma mulher que não o deixa ter contato com os filhos, que usa a pensão para o seu prazer e

não para cuidar do filho. Dessa forma, a figura do pai sempre está associada com um homem “beta”, que ama a sua família, que sustenta, que provém e que por isso corre os riscos de ser enganado, de ser passado para trás. Essa estrutura dicotômica, onde a mulher é cruel e o homem é ingênuo, não reflete a realidade das famílias brasileiras, e portanto, seria necessário um estudo sobre a constituição familiar brasileira para contrapor os argumentos trazidos dentro do podcast.

Da mesma forma que Wendy Brown (2019) mostra o processo de radicalização de grupos de extrema direita a partir da destruição do social em diversos lugares do mundo, e podemos citar os EUA na figura do de Donald Trump, e o slogan de “Make america great again”, no Brasil Richard Miskolci (2020) mostra como o avanço da extrema direita no Brasil se dá em uma cruzada moral, em torno da ideia de ideologia de gênero, assim se dando a ligação entre no nacional e o global. Miskolci (2020) interpreta o processo de avanço da direita brasileira em torno de uma cruzada contra a suposta ‘ideologia de gênero’. Elabora esse processo retomando os processos sociais de avanços em questões de direitos sexuais e reprodutivos, avanços em questões socioeconômicas, sem deixar de lado a forma como o identitarismo, o qual criou uma série de ferramentas que acabaram por não contribuir com a diminuição de assimetrias sociais. O identitarismo de forma essencializada culminou em um acirramento das tensões nos ambientes públicos digitais, levando a um quadro de impossibilidade de diálogo e empobrecimento das discussões políticas. As ferramentas de escraço e cancelamento foram responsáveis por tratar de maneira autoritária o debate público, gerando um estado de vigilância comportamental, que carregava também, em seu DNA o anti-intelectualismo (Miskolci, 2020).

É essencial ressaltar o papel que as jornadas de junho de 2013 tiveram, tanto para a instauração do digital como a nova esfera pública do Brasil, mas também como fator contribuinte para a consolidação da suposta ideia de ‘ideologia de gênero’. As manifestações tinham uma característica de insatisfação generalizada com a configuração política vigente, que acabou impulsionando o anti-institucionalismo. Diversos grupos minoritários e vulneráveis conseguiram um espaço de comunicação e acolhimento dentro da internet, no entanto, a direita soube captar para si o capital político desse momento de tensão nacional. Tensão essa causada pelas manifestações, pelos casos de corrupção na Petrobras, também pelos avanços em questões sociais e direitos sexuais, além de um governo presidido por uma mulher. Isso caracterizou, para os grupos conservadores, um quadro geral de corrupção econômica e moral, que foi

condensado em um inimigo único, a ‘ideologia de gênero’, contra a qual essa direita instaurou sua cruzada moral.

Percebe-se a importância da ideia de cultura digital de Van Dijck (2013), uma vez que os donos das grandes plataformas são atores importantes dentro dos processos políticos ocorridos no Brasil, destacados por Miskolci(2020). As inovações nas plataformas possibilitam reorganizações no formato onde as manifestações políticas ocorreram, principalmente nas manifestações de 2013. Além da organização, a partir das plataformas digitais, novas formas de organização em grupos políticos foram propiciadas pelas novas ferramentas digitais. A ideia de que, uma ferramenta dentro de uma plataforma digital, impacta, não somente a dinâmica dentro dela, mas em todo o “ecossistema digital”, e além dele, a realidade social construída a partir disso, com o estabelecimento de novas bases para construção das relações.

Conclui-se que a machosfera brasileira é perpassada tanto pelos pensamentos tradicionais do patriarcado, quanto pela estrutura dos ambientes digitais, que possibilitam um ambiente para formulação de uma realidade pautada pelo ressentimento contra as mulheres. A teoria da redpill está presente como pano de fundo das discussões no Podcast, mas uma série de elementos neoliberais perpassa o programa. É muito forte perceber que a todo momento tem-se uma propaganda de como ganhar dinheiro, um convidado falando sobre elementos do seu curso para ganhar dinheiro, além da ideia de que o homem de verdade é aquele que consegue ser bem-sucedido financeiramente. O que Wendy Brown (2019) aponta como mercantilização da vida, será um eixo tão importante para a machosfera quanto o restabelecimento das bases patriarcais. Assim, qualquer forma de auxílio governamental é vista de forma negativa, de modo que a negação da justiça social vai estar presente discursivamente. A plataforma do Youtube não vai servir apenas para o fomento das ideias da machosfera e a teoria da redpill, ela também vai ser uma forma de mercantilizar a atenção das pessoas que vão acompanhar esse conteúdo de acordo com Van Dijck (2013)Desse modo, a negligência por parte das empresas donas das plataformas, para que os algoritmos fomentem a radicalização do discurso e o extremismo, é parte da estratégia para capitalizar a atenção dos usuários da plataforma, fazendo com que as mesmas empresas lucrem com o estabelecimento de um mundo cada vez mais pautado por ideias antidemocráticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBÁN BARREIRO, Manuela. **Una mirada a nuevas masculinidades online: análisis de discurso del caso de Mr. Misterios, Machos Alfa y la Manósfera.** *La Colmena*, [S.l.], n. 17, p. 101–114, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.18800/lacolmena.202401.005>.

AMATO, B.; MIGUEL, R. **De Matrix a Suzano: manosfera, teoria red pill e o massacre da escola Raul Brasil.** *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, [S.l.], v. 7, p. 1–28, 18 mar. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/2410051.7.22-33>.

ASSUMPÇÃO, A. P.; OLIVEIRA, F. A. G.; ZIDERICH DO AMARAL, F. **O masculinismo no episódio da invasão do Capitólio: um ensaio crítico.** *Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais*, Salvador, v. 7, n. 1-2, 2024. Disponível em: <https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/rladna/article/view/1312>.

BARD WIGDOR, Gabriela; MAGALLANES UDOVICICH, Mariana Loreta. **El masculinismo hétero-hegemónico argentino y su estrategia desde el ciberactivismo.** *Masculinities & Social Change*, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 25–51, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17583/mcs.2018.2827>.

BBC NEWS. **California killings: Elliot Rodger's rampage.** 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-27566434>.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOTTO, Matteo; GOTTZÉN, Lucas. **Swallowing and spitting out the red pill: young men, vulnerability, and radicalization pathways in the manosphere.** *Journal of Gender Studies*, [S.l.], v. 33, n. 5, p. 596–608, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09589236.2023.2260318>.

BOVAN, Kosta; MIKAŠINOVIĆ-KOMŠO, Matej. **Beyond the board: a thematic analysis of political actions from 4chan's /pol/ board.** *Humanities and Social Sciences Communications*, [S.l.], v. 11, n. 642, p. 1–12, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/s41599-024-03033-1>.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente.** Tradução de Mario A. Marino e Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

BUJALKA, Eva; RICH, Ben; BENDER, Stuart. **The Manosphere as an Online Protection Racket: How the Red Pill Monetizes Male Need for Security in Modern Society.** *Fast Capitalism*, [S.l.], v. 19, n. 1, p. 1–16, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.32855/fcapital.202201.001>.

CAPELOS, Tereza; SALMELA, Mikko; TALALAKINA, Anastaseia; COTENA, Oliver. **Ressentiment in the Manosphere: Conceptions of Morality and Avenues for Resistance in**

the Incel Hatred Pipeline. *Philosophies*, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 36, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/philosophies9020036>.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.

DAUDT, R. S.; VALIATI, V.; CONTE, D. **Representações sociais emergentes no universo Red Pill e MGTOW brasileiro.** *E-Compós*, [S.l.], 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ecomps.2870>.

DELGADO ONTIVERO, Lionel S. **¿Son los jóvenes la raíz del auge de la misoginia en España? Sesgos y problemas en la cobertura mediática de la Manosfera y el antifeminismo español.** *ex æquo*, [S.l.], n. 48, p. 69–85, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2023.48.06>.

DÍAZ, David del Pino. **Antifeminismo en la red: un estudio de la estructura ideológica de la networking masculina.** *Investigaciones Feministas*, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 131–142, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5209/infe.84198>.

DICKEL, Valerie; EVOLVI, Giulia. **“Victims of feminism”: exploring networked misogyny and #MeToo in the manosphere.** *Feminist Media Studies*, [S.l.], v. 23, n. 4, p. 1392–1408, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14680777.2022.2029925>.

FARIAS, L. H. F. T. de. **A radicalização de comunidades online a partir de ideologias de ultradireita: a manosfera e a cultura incel.** *Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais*, João Pessoa, v. 11, n. 21, p. 1–14, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2318-9452.2023v11n21.66937>.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. Vol.1. São Paulo: Globo, 2008

FINGUERUT, A.; VIEIRA, F. D. O. **A guerra dos “imbroxáveis” contra a boneca de plástico: a vertente mais reacionária do bolsonarismo?** *Revista TOMO*, [S.l.], v. 43, 29 maio 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.21669/tomo.v43.19870>.

FORBES BRASIL. **Brasil é o terceiro país com mais usuários do YouTube em 2023.** Forbes Brasil, 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/05/brasil-e-o-terceiro-pais-com-mais-usuarios-do-youtube-em-2023/>.

GALLEGO, Esther Solano. **“Eu voto no Bolsonaro porque ele vai mudar o Brasil”: escutando os eleitores de Bolsonaro.** In: AVRITZER, L et al. *Pensando a Democracia, a República e o Estado de Direito no Brasil*. 1a edição. Belo Horizonte: Projeto República UFMG, 2019.

GARCÍA-MINGO, Elisa; DÍAZ FERNÁNDEZ, Silvia; TOMÁS-FORTE, Sergio. **(Re)configurando el imaginario sobre la violencia sexual desde el antifeminismo: el**

trabajo ideológico de la manosfera española. *Política y Sociedad*, [S.l.], v. 59, n. 1, p. e80369, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5209/POSO.80369>.

GARZÓN COSTUMERO, Xandra; ROLDÁN, Concha. **Transformación digital, feminismo y antifeminismo en el tercer entorno.** *Enrahonar: Quaderns de Filosofia*, [S.l.], v. 73, p. 35–55, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5565/rev/enrahonar.1585>.

GING, Debbie. **Alphas, betas, and incels: Theorizing the masculinities of the manosphere.** *Men and Masculinities*, v. 22, n. 4, p. 638–657, 2019.

GÓMEZ SUÁREZ, Águeda. **La era del patriarcado de vigilancia: ciberviolencia, manosfera y democracia.** *Asparkia: Investigació Feminista*, [S.l.], n. 45, p. 1–22, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.6035/asparkia.7857>.

GÓMEZ-SUÁREZ, Águeda; VÁZQUEZ-SILVA, Iria; FERNÁNDEZ-CENDÓN, Mar. **The “Forocochera Manosphere” in Reaction: A Paradigmatic Case Study in the Spanish Context.** *Masculinities & Social Change*, [S.l.], v. 13, n. 3, p. 226–244, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.17583/msc.13524>.

GOTELL, Lise; DUTTON, Emily. **Sexual violence in the ‘manosphere’: antifeminist men’s rights discourses on rape.** *International Journal for Crime, Justice and Social Democracy*, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 65–80, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5204/ijcjsd.v5i2.310>.

HASLOP, Craig; RINGROSE, Jessica; CAMBAZOGLU, Ipek; MILNE, Ben. **Mainstreaming the manosphere’s misogyny through affective homosocial currencies: exploring how teen boys navigate the Andrew Tate effect.** *Social Media + Society*, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 1–13, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/20563051241228811>.

LACALLE, Charo. **The otherless other: las pasiones misóginas de la manosfera española.** *Signa: Revista de la Asociación Española de Semiótica*, [S.l.], v. 32, p. 41–53, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5944/signa.vol32.2023.36111>.

LIMA-SANTOS, A. V. de S.; SANTOS, M. A. dos. **Incels e misoginia on-line em tempos de cultura digital.** *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 1081–1102, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2022.69802>.

LANGMAN, Peter. **Rampage school shooters: a typology.** *Aggression and Violent Behavior*, v. 11, n. 1, p. 1–24, 2016.

MAGALHÃES, Dandara. **A sátira como estratégia de intensificação do absurdo.** #MUSEUdeMEMES, 15 nov. 2018. Disponível em: <https://museudememes.com.br/a-satira-como-estrategia-de-intensificacao-do-absurdo>.

MIGUEL, Vinícius Machado. **Os tentáculos do antifeminismo nos grupos de memes: o exemplo das mães solo.** #MUSEUdeMEMES, 25 jan. 2023. Disponível em:

<https://museudememes.com.br/os-tentaculos-do-antifeminismo-nos-grupos-de-memes-o-exemplo-das-maes-solo>

NICHOLAS, Lucy; CLARK, Sal; AGIUS, Christine; COOK, Kay. **Antifeminist, manosphere and right-wing extremist sentiment among men who use domestic and family violence: masculinism, misinformation, and the justificatory logics of violence.** *NORMA: International Journal for Masculinity Studies*, [S.l.], p. 1–20, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/18902138.2024.2430513>.

RIBEIRO, Manoel Horta; BLACKBURN, Jeremy; BRADLYN, Barry; DE CRISTOFARO, Emiliano; STRINGHINI, Gianluca; LONG, Summer; GREENBERG, Stephanie; ZANNETTOU, Savvas. **The Evolution of the Manosphere Across the Web.** *Proceedings of the International AAAI Conference on Web and Social Media*, [S.l.], v. 14, p. 1–13, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.48550/arXiv.2001.07600>.

ROMEIRO, N. L. et al. **Categorización de las nuevas masculinidades en entornos socioinformativos: reflexiones a partir de los estudios de género y decolonialidad.** *Biblios: Journal of Librarianship and Information Science*, [S.l.], n. 86, p. 136–151, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5195/biblios.2023.1125>.

ROTHERMEL, Ann-Kathrin. **The role of evidence-based misogyny in antifeminist online communities of the ‘manosphere’.** *Big Data & Society*, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 1–9, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/20539517221145671>.

SILVA, J.; FERRARI, A.; CAETANO, M. **Masculinismo, neoconservadores e pedagogias culturais: investimentos em tradições, essencializações e naturalizações.** *Currículo sem Fronteiras*, [S.l.], 15 dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.35786/1645-1384.v22.2189>.

SOSA VALCARCEL, Aimiris; GALARZA FERNÁNDEZ, Emelina; RANEA-TRIVIÑO, Beatriz. **Percepciones, experiencias y posicionamientos sobre la violencia de género en las redes sociales: resultados de una encuesta a la juventud andaluza.** *Comunicación y Sociedad*, [S.l.], v. 2024, p. 1–25, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.32870/cys.v2024.8676>.

THORBURN, Joshua. **Exiting the manosphere: a gendered analysis of radicalization, diversion and deradicalization narratives from r/IncelExit and r/ExRedPill.** *Studies in Conflict & Terrorism*, [S.l.], p. 1–25, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1057610x.2023.2244192>.

VAN DIJCK, José. **The culture of connectivity: a critical history of social media.** [S.l.]: Oxford University Press, 2013

VELHO, E.; HENN, R. **Gamers e o bolsonarismo: análise dos enunciados sobre Jair Bolsonaro em um fórum gamer brasileiro.** *Revista Práxis*, [S.l.], v. 1, p. 44–60, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.25112/rpr.v1.3577>.

VILAÇA, G.; D'ANDRÉA, C. **Da manosphere à machosfera: práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizadas.** *Revista Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 410–440, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27703>.

VISKOLCI, Richard. **Batalhas morais: política identitária na esfera pública técnico-midiaticizada.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

WAGNER, Ben et al. **Taking the redpill: talking about extremism.** *Selected Papers of Internet Research*, [S.l.], v. 2021, n. 0, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5210/spir.v2021i0.12207>.

WESELOVSKI DA SILVA, A. C.; HENNIGEN, I. **Misoginia online: a red pill no ambiente virtual brasileiro: the red pill in the Brazilian virtual environment.** *Revista Feminismos*, [S.l.], v. 12, n. 1, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/57028>.

ZABALGOITIA HERRERA, Mauricio. **Retóricas del meme masculinista: universidad digital y antifeminismo en tiempos de pandemia.** *Mitologías Hoy*, [S.l.], v. 25, p. 68–90, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5565/rev/mitologias.834>.